EXTENSÕES

eduardo haak

EXTENSÕES

(contos)

Eduardo Haak

2021

ÍNDICE

DISCERNIMENTO 4
ORGASMO 6
GONOCOCOS 8
INTIMIDAÇÃO 10
CLAREZA E MÉTODO 11
DITADURA MILITAR 14
JOVEM DE CATORZE ANOS DADO A TER CONVULSÕES SEMPRE QUE VÊ MONGOLOIDES FODENDO 17
VIRTUOSISMO 27
MULHERES 29
À TARDE, NA CHÁCARA 33
RESIGNAÇÃO 35
ENCONTRO AMOROSO 36
CARÁTER 38
CAVALHEIRISMO 40
PRESENÇA 42
AMOR 44
INTERLOCUTORES 46
CINDERELA 50
SOBRE O AUTOR 74

DISCERNIMENTO

Miroslav está deitado, esperando a anestesia do dentista passar. Entorpecimentos localizados desse tipo sempre o fazem se sentir absolutamente incapacitado. O dia, quarta-feira, está seco e radiante. Um barulho de furadeira vem de algum apartamento não muito acima do dele. Esse tipo de ruído nunca o incomodou, ao contrário de ruídos percutidos e intermitentes. Seu telefone, que está sobre um antigo latão de gasolina transformado em criado-mudo, emite o sinal sonoro de que chegou mensagem. É Mariana, que diz que é pra ele pegá-la em casa às vinte e trinta. Embora saiba que Miroslav tem fobia de hospital, Mariana decidiu arrastá-lo à UTI onde seu marido está em coma induzido. Ela diz que quer se vingar de uma série de humilhações conjugais, beijando Miroslav na frente do sujeito, ainda que com ele em coma.

Miroslav se levanta e fica parado, apalpando a parte anestesiada do rosto. A sala de seu apartamento não tem nas paredes qualquer imagem, quadro, pôster, etc., exceto a palavra *przyjemnosc*, escrita a lápis em letra minúscula perto do batente da porta principal. Essa palavra significa volúpia na língua nativa de seus pais, o polonês. Também não há livros físicos ali, tendo Miroslav no começo do mês depositado na caçamba de lixo reciclável do prédio os últimos cento e poucos volumes que ainda guardava. Ele caminha ao banheiro e abre o nécessaire. Avalia que sobraram poucos comprimidos de naproxeno sódico, calça-se e vai à farmácia comprar. Sobe a Conselheiro Brotero e, como sempre, conta até a janela do sétimo andar de um prédio, cuja fachada é feita de pastilhas azuis e brancas. Engole a seco após fazer essa contagem. Pensa em Mariana, seios, dorso, torso, o efeito opioide que sente ao mergulhar o rosto em seus cabelos e inalar o odor resinado que sempre existe ali. Ao pedido que ela lhe fez, para acompanhá-la à UTI e beijá-la na frente do marido, Miroslav podia ter dito simplesmente que sim ou que não. Mas ele pressentiu que o alvo real daquela encenação não era o marido, pressentiu que Mariana queria ser vista sendo beijada, por certo por alguém da equipe médica, pressentiu que seu objetivo era atrair ou afastar algum pretendente amoroso, já que aquela encenação servia para as duas coisas, “afaste-se, já tenho meu homem”, “ei, que tal vir aqui brigar por mim, saindo no braço com esse sujeito que está me beijando?”. Depois, foi só Miroslav fazer uma breve e simples investigação, etc. Em se tratando de discernir os motivos por trás dos atos de uma mulher, apostar no motivo mais trivial será sempre a aposta certa.

Miroslav entra em casa, vai ao banheiro e guarda o naproxeno no nécessaire. Volta à sala, pega o telefone e digita à Mariana uma mensagem que contém um simples nome próprio, duas palavras que, ele sabe, terão amplo poder de desconcertá-la. Desliga o telefone, coloca-o sobre o latão criado-mudo e deita-se no sofá. Lembra-se, então, de que trancou à chave a porta da rua. Levanta-se, destranca a porta e volta a se deitar. Dentro de no máximo duas horas o efeito do anestésico terá passado totalmente. A porta da rua está aberta e ele sabe – sabe – que ela virá, e atravessará o portal da volúpia – volúpia, ainda que oblíqua e espalhada pelos poucos caracteres de um idioma que, talvez, não seja o idioma real nem dela, nem dele.

ORGASMO

Até os quarenta anos Ofélia nunca havia tido a consumação sexual chamada orgasmo. As carícias íntimas masculinas (e ocasionalmente femininas) lhe agradavam, mas de modo difuso. Por ser especialmente bonita, as pessoas que a conheciam costumavam lhe atribuir uma vida erótica caracterizada pela plenitude e pela variedade. Nenhuma dessas pessoas cogitaria que Ofélia pudesse ser uma mulher sexualmente disfuncional.

A busca pela origem de sua disfunção foi caracterizada por diagnósticos hipotéticos que nunca levaram a um tratamento eficaz (diagnósticos hipotéticos, já que os exames solicitados pelos especialistas que Ofélia consultou sempre redundaram em não apontar nada de errado em seu organismo). Igualmente fracassadas foram suas incursões por psicólogos, terapeutas sexuais e instrutores de kundalini yoga.

Às vésperas de completar quarenta e um anos Ofélia foi ao dentista fazer a avaliação semestral. O doutor C. Cerveira tirou uma radiografia panorâmica e disse que ela teria de extrair os terceiros molares, que estavam inclusos. A cirurgia transcorreu sem maiores incômodos, apesar da apreensão inicial de Ofélia (arrancar quatro dentes com um dentista chamado Calígula, etc.). Foi então que Ofélia, durante os dias de convalescença e início da cicatrização, teve sua primeira descarga orgástica. Essa capacidade orgástica, porém, só se manteve até a cicatrização das gengivas se completar.

Um novo périplo pelos mesmos especialistas que Ofélia já consultara não levou a qualquer esclarecimento – nenhum médico soube explicar por que um caso de anorgasmia foi temporariamente curado por uma cirurgia de extração de dentes.

Ofélia queria provar de novo aquela sensação efervescente, aquela angústia deliciosa, e para isso experimentou ir a um daqueles dentistas que simplesmente fazem o que o paciente pede, um tiradentes tradicional que lhe extraiu um dos segundos molares da arcada inferior. Nos onze dias que durou sua capacidade orgástica após o procedimento exodôntico Ofélia fez sexo com cinco homens diferentes e atingiu o clímax sessenta e uma vezes.

A vida de Ofélia então passou a ser o cálculo de quantos dias ainda dispunha como mulher capaz daquele *consummatum est*: restam-me

dezoito dentes naturais (os dentes extraídos foram sendo substituídos por implantes), portanto terei mais ou menos cento e oitenta dias. Aos quarenta e seis anos (e aproximadamente mil e duzentos orgasmos) lhe sobravam na boca apenas quatro dentes naturais, ou seja, a possibilidade de quatro períodos orgásticos que durariam, cada um, pouco mais de uma semana. Ofélia estava passando férias em Playa Hermosa, no Uruguai, quando conheceu Esdras.

Esdras saíra do Brasil e se estabelecera no país vizinho já havia quase vinte anos. A primeira conversa de Ofélia e Esdras durou quarenta minutos, e a segunda conversa deles durou quase oito horas. Foi uma daquelas conversas que acontecem duas ou três vezes na vida de uma pessoa, em que tudo que é fundamental é contado ao interlocutor. Ofélia contou sobre sua estranha disfunção e disse estar insegura de ir para a cama com Esdras naquele momento. Que para gozar fazendo sexo ela teria de arrancar um dos quatro dentes naturais que lhe restavam. Que talvez fosse melhor que eles jamais tivessem se conhecido, que o amor invariavelmente só complica as coisas. Esdras disse, não se preocupe, vamos apenas ficar juntos, no escuro, ouvindo nossas respirações. Os dois foram para o quarto e se deitaram. Ofélia então experimentou se deixar ser penetrada e, ao ouvir no escuro a respiração de Esdras misturada à própria respiração, teve um orgasmo tão forte que a única analogia que lhe passou pela mente foi a de mil dentes sendo arrancados de uma só vez.

GONOCOCOS

Meu primo Gato vendeu o Alfa-Romeo 2300 e comprou um Monza SL/E vermelho. O Alfa-Romeo, 1977, tinha sido do meu pai. Foi dentro do Alfa que, ano passado, fiz sexo pela primeira vez. Eu e o Gato estávamos na lanchonete Mil Milhas, em Interlagos, e pegamos lá duas fulanas. Ficamos rodando com elas e acabamos entrando na rua que dá acesso ao Clube de Campo do Castelo, uma rua erma, sem asfalto, onde há apenas campos de futebol de várzea e terrenos baldios. Depois fomos levar as mulheres até onde elas moravam, um lugar superlonge, parecia que não chegava nunca. Na volta o Gato me perguntou se eu tinha dado uma mijadinha depois de tirar o pau de dentro da mulher. Eu disse que não e perguntei por quê. Gato respondeu que quando a gente mete numa fuleira tem que mijar depois, que a urina limpa a uretra, que fazendo isso dá pra evitar uma gonorreia, oitenta por cento de chance de não pegar. Pedi então para ele parar o carro numa rua com pouco movimento e postei-me em frente a uma árvore e fiquei ali, esperando que o jato de urina viesse, mas nada do jato vir, então o cachorro de uma casa começou a latir e eu pensei, cala a boca, cachorro imbecil, olha que se você não parar eu vou até aí e mijo nesse seu focinho latidor, então o vigia noturno da rua apareceu com o trinta e dois na mão e eu disse pra ele, ô meu chapa, tô meio no aperto aqui. O sujeito se afastou e tentei mais um pouco fazer o jato de urina sair, mas não adiantou, não veio nada, então entrei no carro e seguimos até o Itaim e paramos no Milk & Mellow e eu bebi duas garrafas de Coca-Cola, uma em seguida da outra, e fui ao banheiro para ver se finalmente saía alguma coisa, mas nada, nada de mijo, aí eu cismei que meu pau já estava começando a arder, os gonococos fazendo a festa, proliferando-se à razão de dois, quatro, oito, duzentos e cinquenta e seis, dezesseis mil cento e oitenta e quatro, então eu saí do banheiro e disse ao Gato, vamos procurar uma farmácia. Rodamos pelo Itaim todo e não achamos nenhuma farmácia aberta, então fomos até uma na Nove de Julho, lá perto dos túneis, uma que fica aberta vinte e quatro horas. Comprei camisinha e permanganato de potássio e voltamos para o Itaim e entrei correndo em casa e fui ao banheiro e enchi uma camisinha com água e joguei o permanganato na água e sacudi bem e enfiei o pau na camisinha cheia daquele líquido lilás e fiquei andando pelo banheiro, tentando me convencer de que aquilo ia mesmo fazer efeito e cogitando que talvez tivesse sido melhor eu já ter tomado uma benzetacil, aquela injeção de penicilina que dizem que dói pra caralho. Aí essa coisa de sentir meu pau enfiado num espaço apertado e úmido começou a me dar

tesão e o pau endureceu dentro da camisinha e eu fiquei com vontade de bater uma e me sentei na privada e tirei o pau de dentro da camisinha e comecei a friccioná-lo, olhando para a camisinha cheia de água e permanganato de potássio, que eu segurava com a mão esquerda, então comecei a imaginar que aquela camisinha era um seio, sim, a forma arredondada era mais ou menos análoga a de um seio, o modo como a coisa balançava também, boing, boing, boing, então eu me lembrei dos gonococos, da benzetacil, da vez em que o Gato foi contaminado por uma mulher que nem era vadia, quer dizer, não era dessas vadias de rua ou de casa de massagem, dessas que trepam por grana, parece que a mulher era casada com um oficial da marinha que estava sempre fora de São Paulo e que então o Gato ia comê-la no apartamento dela, uma vez eu disse, cara, você é maluco, você acha que os porteiros do prédio não contam tudo pro oficial-corno?, se bobear os baianos até trabalham para o SNI, como informantes mesmo, aí o Gato disse, SNI porra nenhuma, eu estava pensando nessa história e pensando que o período de incubação da gonorreia pode durar até uma semana, mas eu estava pensando também na Tássia Camargo e na Carla Camurati e estava olhando para a camisinha-seio e estava friccionando meu pau enquanto pensava na Tássia Camargo, na Carla Camurati, na Aldine Müller, na Nicole Puzzi, na Helena Ramos, na Maria Zilda, então eu pensei, fodam-se, fodam-se os gonococos.

INTIMIDAÇÃO

Estou sozinho numa casa que deve ter uns setecentos metros quadrados. Vim me esconder aqui por causa de uma mulher.

Primeiro ela disse que ia fazer macumba com terra de cemitério pra me matar, depois disse que estava procurando na deep web um matador de aluguel pra fazer o serviço.

A casa é de um amigo que passa a maior parte do tempo no Rio de Janeiro. Praticamente não saio dela, só saio de manhã pra correr um pouco no Parque Villa-Lobos. No restante do dia eu vejo uns filmes e leio uns livros.

Termino de almoçar e decido abrir a porta balcão de uma varanda, então o alarme antifurto da casa dispara. Não faço a menor ideia de como desligá-lo e penso que o alarme, com certeza, é desses que imediatamente acionam a polícia. Penso que se eu não conseguir localizar meu amigo no Rio, sim, emprestei a casa pra ele, serei tratado como suspeito de arrombamento, furto, etc.

Pego meu carro e vou até a agência de publicidade onde ela trabalha e fico esperando até que ela volte do almoço. Vejo-a finalmente vir caminhando, acompanhada de uma colega. Ando em sua direção e lhe dou um tapa no rosto. Ela cai e me olha com perplexidade.

Digo, macumba porra nenhuma, o.k.?, matador de aluguel porra nenhuma, o.k.?

A colega pega o celular e começa a filmar e eu digo, ótimo, é pra filmar mesmo, depois põe o título, como tratar uma mulher que tem o hábito de fazer ameaças de morte e intimidações.

Viro-me e vou caminhando na direção do carro, então Paola, que ainda está no chão, começa a chorar e diz, Mauro, me perdoa!, e eu giro o tronco e digo com a mão em concha ao redor da boca, perdoa é o caralho, e vá à merda, você.

A sensação que isso dá é muito boa, mandar à merda uma pessoa que merece isso, ir à merda.

CLAREZA E MÉTODO

Eu estava pensando na palavra derrelição, que significa desamparo, e estava sentado no café com um ar distraído, mas eu não estava distraído, estava decorando um trecho do livro que estava lendo, paixão é a grossa artéria jorrando volúpia e ilusão, é a boca que pronuncia o mundo, eu estava repassando mentalmente essa frase e devia estar com aquela expressão vaga no rosto, com os olhos fixados no vazio, quando percebi o sujeito me encarando, um desses sujeitinhos de boné e peito estufado com postura de cão territorial, uma postura de rottweiler olhando fixamente para um potencial invasor do seu espaço, um desses sujeitos cúpidos, gananciosos, ferozes, devoradores e animalizados que provavelmente vão acabar se dando muito bem no mundo corporativo das multinacionais e dos bancos. Então ele me disse, que que tá olhando? E foi só aí que eu percebi que o sujeito estava acompanhado de uma mulher, quer dizer, eu até havia reparado antes, mas é claro que eu não estava encarando a mulher, que era bonita e tinha meio jeito de cadela no cio, eu não gosto de confusão e sei que esses sujeitos são doidos pra arrumar treta e logo sair dando porrada, eu conheço bem o tipo, na minha faculdade só dava esse tipo de sujeito, esses arrivistas cheios de testosterona, geralmente vindos da classe média baixa, esses arrivistas que não deixam qualquer dúvida de que hão-de-vencer e que por isso sempre pegavam as garotas mais bonitas e gostosas de lá, algumas eram putas de luxo, todo mundo sabia, mas e daí?, aquilo era uma latrina mesmo, uma dessas merdas de faculdade que os alunos assinam a lista de presença e depois vão para o bar beber, foi por isso que acabei largando, por isso e porque não estava dando pé pagar as mensalidades, na época eu já trabalhava como passeador de cachorro e esse trabalho não dá muito dinheiro, sair por aí segurando a coleira de cinco ou seis cães, esperar os bichos mijarem e cagarem e depois recolher da calçada aquele excremento todo, minha mãe recebe uma miséria de aposentadoria, então minha renda praticamente toda vai para as nossas despesas domésticas, pão, açúcar, batata, farináceos, farelos, carboidratos simples de rápida absorção, fora os remédios dela e os meus, que eu preciso tomar por causa da epilepsia, alguns desses remédios que eu tomo até são baratos, mas alguns são caros, faz anos que não tenho nenhuma crise, hoje o sujeito pode ser epilético e ter uma vida totalmente normal, é só tomar os remédios direitinho, coisa que eu nunca deixo de fazer.

Como eu estava dizendo, o cara cismou que eu estava olhando para a namorada dele e disse, que que tá olhando, hem, ô babaca?, então ele se

levantou e veio até mim e aproximou o rosto do meu e bateu com a testa no meu nariz. A pancada me deu uma dor aguda e me fez sentir um gosto amargo no céu da boca e a namorada do cara segurou o braço dele e disse, para, Sérgio!, mas eu notei que no fundo ela devia gostar de ver o sujeito bancando o machão, a voz dela estava obviamente excitada, como quando uma pessoa está com vontade de rir, mas tenta disfarçar, então os dois foram embora, o rottweiler e a cadelinha no cio, e eu fui até o banheiro lavar o rosto, paixão é a grossa artéria jorrando volúpia e ilusão, é a boca que pronuncia o mundo, púrpura sobre a tua camada de ilusões, escarlate sobre a tua vida, paixão é esse aberto em teu peito, e também seu deserto, o trecho do livro que eu estava decorando me veio inteiro, então eu saí do café e fui andando até a minha casa, andando e pensando. Não estava sentindo ódio, ou melhor, não estava sentindo ira, ira alguma. Quando eu era mais jovem eu odiava, ficava babando, estrebuchando de raiva, mas isso é porque eu não sabia pensar, pensar com clareza e método, eu me decepcionava com alguma coisa e, pronto, ficava lá, todo cheio de ódio impotente, me decepcionava porque aquelas mulheres lindas do tipo que acabam se casando com libaneses ricaços, turcos cheios da nota, etc., nunca se interessavam por mim e, pronto, ódio-ódio-ódio, sim, por que as únicas mulheres que eu consigo pegar são essas mocorongas feiosas de faculdade de letras?, sabe o tipo?, é, aquelas meninas com aquelas bundinhas melancólicas, envergonhadas, minúsculas, enfiadas pra dentro, sim, parece que essas meninas vivem com pavor de levar um chute no meio do cu, mulher tem que ter uma bunda não necessariamente grande, mas que sugira generosidade, uma bunda que pareça dizer ao mundo, vinde a mim, etc., eu ficava pensando essas coisas e aos poucos meu pensamento foi deixando de ser só um monte de frases soltas e desajeitadas e foi se tornando um pensamento claro e metódico, perceber essa minha evolução foi uma das maiores alegrias que já tive, o sujeito pode ser feio, pobre e epilético, mas se ele sabe pensar com clareza e, consequentemente, sabe com o que realmente pode contar, as possibilidades dele praticamente se igualam às de qualquer bacana.

Não tive dificuldade de descobrir algumas coisas sobre o sujeitinho de boné e peito estufado que bateu com a testa no meu nariz. Sei onde ele mora e sei os trajetos que ele faz a pé – hoje, por exemplo, ele vai passar por uma rua de pouco movimento. Cuido do cane corso de uma senhora viúva, levo o bicho para passear, o cachorro na verdade era do marido dela, a velhota não teria a menor condição de segurar aquela fera de quase sessenta quilos numa coleira, ela sempre me diz, o Boris adora você, adora!, rebatizei o Boris como Lavrenti Beria quando comecei a treiná-lo

para que ele obedecesse aos meus comandos, Lavrenti Beria, para quem não sabe, era o chefe de polícia secreta do Josef Stalin, etc., já antecipei também todas perguntas que a polícia poderá me fazer, como foi que isso aconteceu?, ah, eu sou passeador de cães e levei esse cão pra passear e aconteceu de eu ter uma crise epilética, aí, quando recobrei a consciência, ele havia atacado e matado o rapaz. Meu pensamento é claro e metódico, meu temperamento é equânimo, palavra que quer dizer desapaixonado, logo minhas ações todas estão fadadas ao sucesso.

DITADURA MILITAR

Murilo está dizendo que viu hoje um Electra das Líneas Aéreas Paraguayas descendo em Congonhas com um dos motores parados. Murilo é obcecado pelo Paraguai e tem na carteira uma cédula de cinco guaranis, que é o dinheiro que circula no Paraguai. A imagem que aparece na cédula de cinco guaranis é a de uma mulher com jeito de cigana, segurando um vaso, *la mujer paraguaya*, como está escrito no canto da cédula. Estamos na sala do apartamento do Murilo, uma sala cheia de vasos com samambaias, rendas portuguesas, antúrios. Estamos bebendo uísque Ballantine's e fumando cigarros John Player Special de uma embalagem cilíndrica, de plástico, onde cabem cem cigarros. O disco que está tocando no aparelho de som é o *Breakfast in America*, do Supertramp. Os pais de Murilo estão viajando e nós estamos agora conversando sobre as pessoas que ou-temos-certeza, ou-desconfiamos que são informantes do SNI. Aquele mulato pernóstico que vive no Gimba e que toda semana aparece com uma moto ou um carro diferente: quase-certeza. Aquela coroa que é corretora de imóveis e que usa um coque estilo Eva Perón e que volta e meia está aqui no prédio e que todos nós desconfiamos que deve render uma fodaça: é-possível-que. (Eu já descasquei altas bronhas pensando nela, imaginando ela chupando meu pau enquanto eu desfazia aquele coque Eva Perón e apalpava suas tetas incrivelmente firmes para uma mulher que deve estar beirando os cinquenta.) O sujeito que mora no 102, o que fez CPOR e que ninguém sabe direito no que trabalha: quase-certeza-absoluta. Aquele outro sujeito meio com voz de anão que costuma aparecer no fliperama da Rua Iguatemi e que disse que tinha um esquema pra conseguir dispensa do serviço militar, cem dólares por cabeça: talvez-sim. Meu primo Gato, que embora viva de fazer saques no cofre do padrasto (cofre onde o padrasto guarda as propinas que recebe como fiscal do ICMS) e que também tire umas granas comendo bichas endinheiradas que pegam rapazes bonitos em fliperamas, sim, é possível que o Gato seja informante do SNI, porque ele, além de inescrupuloso, é ganancioso.

Decidimos passar uns trotes telefônicos e ligamos para o careca comunista, que é maestro e é parente distante do Murilo. O Murilo sempre conta histórias sobre esse parente – diz que ele costuma fazer orgias num hotel no Guarujá, diz que ele é giletão, diz que a própria mulher come ele com um pinto de plástico, etc. O maestro atende o telefone e o Mug, fazendo uma voz áspera e marcial, identifica-se como major Venceslau, do centro de informações do exército, e diz que o

maestro está intimado a comparecer à sede da segunda região militar para prestar esclarecimentos sobre contrabando de material pornográfico, material esse que contém fotos de pederastia, etc. Mug desliga o telefone gargalhando, diz que o maestro mandou ele foder-se, e assim que Mug põe o aparelho no gancho o aparelho toca e ele atende, mas quem está do outro lado da linha permanece em silêncio enquanto o Mug diz, alô?, alô?, então a pessoa desliga e o Mug põe de novo o aparelho no gancho e cinco minutos depois o telefone toca de novo e mais uma vez a pessoa que está do outro lado da linha não diz nada, enquanto o Murilo, que foi atender dessa vez, diz, e aí, sua bichona, não vai falar?, quer levar uma trolha no meio do cu?

As duas ligações atiçam nossa paranoia, quem será que foi?, estranho acontecer isso logo em seguida ao trote, aí o Murilo diz que foi coincidência e o Mug diz, é, pode ser que seja coincidência, mas pode ser que não seja, esse seu parente aí, o careca comunista, não é metido com gente importante?, e o Murilo responde, metido com gente importante da TV e do meio artístico, não com militares, o apelido dele é careca comunista, é só pensar com um pouco de lógica. Aí deliberamos mais um pouco e concluímos que alguém ter o apelido de careca comunista não significa nada, que carecas comunistas podem perfeitamente trabalhar para o SNI como informantes ou até coisa mais graduada. Bebemos mais uísque e fumamos mais John Player Specials e decidimos ir dar uma volta de carro e vamos até Congonhas e ficamos lá, perambulando, aí compramos um maço de Hollywood e uma caixa de fósforos e o Mug se lembra daquela história do hangar da VASP, que tinha um avião antigo lá, a carcaça de um Caravelle que servia de motel para menores de idade, que o Anuarzinho disse que foi lá descabaçar com uma puta e que a mulher teve um ataque de pânico porque o avião estava cheio de baratas e que por isso o Anuarzinho não descabaçou naquela vez, e eu penso que na última vez em que estive aqui em Congonhas eu vi os caras da banda A Cor do Som e vi uma menina que estudou comigo no Cristo Rei, a Stella-Stellá, pedindo autógrafos para o Dadi e o Mu, então vamos embora de Congonhas e na Rubem Berta um carro da polícia emparelha com a gente e o tira que está na janela nos aponta aquele farol de mão e eles mandam a gente encostar e somos revistados e os caras fazem a maior onda, dizendo que vão encaminhar os menores – eu e o Mug – para a Febem, aí, quando a gente já está bem com o cu na mão o policial com pinta de chefe diz, vai, sumam daqui, e vão direto pra casa, hem?, rua essa hora não é lugar pra criança, então voltamos para o Itaim e o Murilo me deixa na minha casa e eu entro e vejo que meus pais estão dormindo. Subo para o

meu quarto e me deito, mas minha cabeça não para de funcionar, parece que tem uma britadeira dentro dela, então me levanto e vou até o banheiro e pego um Valium 10 mg na frasqueira da minha mãe e engulo o comprimido e vou até uma das extensões e tiro o telefone do gancho e olho durante um tempo para o aparelho e observo os números meio manchados de tinta por causa do hábito que as pessoas têm de discar o telefone usando canetas esferográficas e sinto que ao tirar o telefone do gancho estou me livrando de uma ameaça difusa, inespecífica, mas não por isso menos aterrorizante, então vou para o quarto e me deito e espero que o Valium logo faça efeito e que me extinga por umas oito, nove horas.

JOVEM DE CATORZE ANOS DADO A TER CONVULSÕES SEMPRE QUE VÊ MONGOLOIDES FODENDO

Os pais de Aurélio contrataram uma cuidadora para ficar com ele por algumas horas. Aurélio e a cuidadora, que se chama Violeta, estão agora numa das salas do apartamento. Aurélio, que tem catorze anos, lê um livro e Violeta folheia uma revista.

AURÉLIO (sem tirar os olhos do livro): Primeira vez?

VIOLETA (olhando para Aurélio): Hum? Primeira vez?

AURÉLIO (olhando para Violeta): Que você faz esse trabalho. Cuidar de criança.

VIOLETA: Não, não, já fiz isso algumas vezes.

AURÉLIO: Legal.

Aurélio fecha o livro e o coloca sobre o braço do sofá. Violeta pega o telefone e fotografa uma página da revista.

AURÉLIO: Eu falei criança, embora, como você pode ver, eu não me inclua exatamente na categoria. Tenho catorze anos.

VIOLETA (distraída): Hum-hum.

AURÉLIO: Você acha o.k. esse trabalho?

VIOLETA (pensativa): Hum... É. Acho o.k.

AURÉLIO: Já te aconteceu alguma coisa fora do comum trabalhando com isso?

VIOLETA: Não. (Fecha a revista.) Que coisa fora do comum poderia acontecer?

AURÉLIO: Sei lá. Você passar a noite numa casa mal-assombrada, alguma coisa assim.

VIOLETA (rindo): Não, não, graças a Deus, não. Pra ser sincera a coisa mais incomum que já me aconteceu nesse tipo de trabalho está acontecendo aqui, hoje. Nunca tinha tomado conta de alguém da sua idade. Seus pais não te deixam ficar sozinho?

AURÉLIO: Eu tive uma convulsão há dois anos. Eu nunca mais tive nada, mas como os médicos ainda não descartaram o diagnóstico de epilepsia, eles ficam assim, preocupados o tempo todo.

VIOLETA: Entendi. Bom, eles não me falaram nada sobre isso. Você não toma nenhum remédio?

AURÉLIO: Não. (Silêncio.) Ei, fica tranquila, eu não vou ter uma crise logo hoje. A não ser que você me faça rir.

VIOLETA: Hem?

AURÉLIO: Melhor dizendo, a não ser que você me faça estourar de rir. Rir mesmo, aquelas risadas de travar o queixo. Eu tive a convulsão assim, de tanto rir.

VIOLETA: Nossa. E o que que te fez rir tanto?

AURÉLIO: Foi um vídeo que um amigo me mostrou. Um vídeo de uma orgia só com portadores de Síndrome de Down.

VIOLETA: Cê tá falando sério?

AURÉLIO: Claro que estou.

VIOLETA: E onde vocês acharam isso?

AURÉLIO: Foi ele que achou. No archive ponto org. Um filme amador rodado em super oito, nos anos setenta.

VIOLETA (indignada): E você acha que uma coisa degradante assim é motivo de graça?

AURÉLIO: Não, não acho. É que esse meu amigo reeditou o filme, botou uma música chamada *Mongoloid*, de uma banda antiga chamada Devo. Botou a música com rotação acelerada. Sei lá. Acabei... rindo. (Aurélio se levanta.) Nunca te aconteceu de você rir de uma coisa imprópria?

VIOLETA: Não que eu me lembre.

AURÉLIO: O.k. (Caminha até a janela da sala, olha para a rua, volta-se para Violeta.) Ó, não vai você agora ficar achando que eu sou um tarado, um depravado...

VIOLETA: Depende. E se eu achar isso pode crer que eu te largo aqui sozinho.

AURÉLIO: Não vai precisar. (Pegando o telefone.) Vou pedir alguma coisa no China in Box. Você quer?

VIOLETA: Não. Obrigada.

Aurélio telefona e faz o pedido, boa noite, eu queria fazer um pedido... é o carne com legumes pequeno executivo mais rolinho primavera... exato... hum... pode ser... Coca Zero... não, não... dinheiro, troco pra cinquenta... isso... o.k., obrigado. Devolve o telefone à base e volta a se sentar.

VIOLETA (contando dinheiro): Eu tô com duas notas de cinquenta euros aqui, tem como você me trocar por reais? Se não for ser incômodo.

AURÉLIO: Cem euros?

VIOLETA: É, eu fiz um trabalho ontem, o cara me pagou assim.

AURÉLIO: Como é que está o câmbio?

VIOLETA (consultando): Deixa eu ver... euro a seis e... dá seiscentos e vinte e cinco.

AURÉLIO: Beleza. Quer trocar agora?

VIOLETA: Não precisa. Depois a gente faz.

AURÉLIO: O.k.

Aurélio vai até uma adega portátil, de onde tira uma garrafa de vinho. Pega também um saca-rolha, que introduz na garrafa.

AURÉLIO (girando o saca-rolha): Foi um trabalho desses, de cuidar de criança?

VIOLETA: Os cem euros?

AURÉLIO: É.

VIOLETA: Não, não foi. Foi um trabalho de modelo vivo.

AURÉLIO: Aquela coisa de ficar nua pras pessoas desenharem? (Abre a garrafa.) Quer vinho?

VIOLETA: Quero, obrigada. É, às vezes eu poso pra alunos de desenho.

Aurélio tira de um armário duas taças. Estende uma a Violeta e a serve.

AURÉLIO: Eu desenhava bastante, até uns onze, doze anos. Aí parei.

VIOLETA: Por quê?

AURÉLIO (sentando-se e servindo-se): Sei lá. Encheu.

VIOLETA: Hum.

AURÉLIO: Pra te dizer a verdade eu me encho de tudo depois de um tempo. Acho que quando eu tiver uns vinte e cinco anos não vai ter sobrado nada, eu vou ter me enchido de todas as coisas que existem. Tal coisa?, ugh, encheu, tal coisa?, encheu.

VIOLETA (rindo): Credo, rapaz.

AURÉLIO: É sério.

VIOLETA: Mas... nunca mais te deu vontade?

AURÉLIO: De desenhar?

VIOLETA: É.

AURÉLIO: Às vezes... um pouco.

VIOLETA: Eu acho que só tá te faltando um pouco de estímulo. (Silêncio.) Quer me desenhar depois?

Blackout.

Blackout, em linguagem técnica teatral, significa escurecimento total do palco.

Quando o palco é aceso, mais ou menos uma hora e meia se passaram. Aurélio e Violeta estão sentados à mesa de jantar.

VIOLETA (brincando com os palitinhos que vieram na refeição chinesa de Aurélio): Ó, tenta resolver essa... faca está pra revólver assim como garfo está pra?

AURÉLIO (pensativo): Hum...

VIOLETA: Garfo e faca... revólver e?

AURÉLIO (olhando para o garfo que usou): Faca está para revólver assim como garfo está para... batedeira elétrica?

VIOLETA: Batedeira elétrica? (Rindo.) Não, não.

AURÉLIO: Sei lá. Existe resposta pra isso?

VIOLETA: Existe.

AURÉLIO: Rastelo. Aqueles rastelos grandes, pra carpir mato.

VIOLETA: Não.

AURÉLIO: Desisto. Conta aí, faca revólver, garfo...?

VIOLETA: Não, senhor. Quebra a cabeça aí mais um pouco.

AURÉLIO: Sem chance. Agora, sem qualquer chance. Esse vinho e essa comida me chaparam total.

VIOLETA: O.k.

Aurélio se levanta e vai se deitar no sofá. Violeta vem atrás dele e anda até a janela.

VIOLETA (forçando um tom casual): Diga uma coisa... seus pais devem chegar que horas mais ou menos?

AURÉLIO: Hum. Difícil saber.

Violeta discretamente vê as horas e se volta a Aurélio.

VIOLETA: Vai, menino, enxota esse sono aí, eu não tô a fim de ficar aqui nesse baita apartamento sem ninguém pra conversar.

Aurélio se senta, esticando as pernas sobre uma mesa de centro. Violeta também se senta no sofá, a uma almofada de distância de Aurélio.

AURÉLIO: Ó, esse negócio do faca está pra revólver assim como garfo está agora não sai da minha cabeça. (Riso seco, nasal.) Culpa sua.

VIOLETA (simpática e debochada): Culpa sua, oras bolas, que tá aí, tão chapado de vinho que não consegue resolver um probleminha de lógica elementar.

AURÉLIO: É.

VIOLETA: Escuta, aquela coisa que você falou sobre o filme da orgia com os portadores de Down... aquilo é verdade mesmo?

AURÉLIO: Sim.

VIOLETA: E... só por curiosidade... eles fazem as coisas normalmente? Não fica uma coisa, sei lá, meio desengonçada?

AURÉLIO: Não, é normal. Claro que eles não são atletas sexuais, tem aquela coisa meio molenga deles. Fora isso, normal.

VIOLETA: Mas com que propósito esse filme foi feito?

AURÉLIO: Sei lá eu. É uma daquelas coisas bizarras dos anos setenta, a época da liberação sexual, da quebra de todos tabus, daquelas seitas que obrigavam as mães a masturbarem os filhos...

VIOLETA: Cruz, credo... Você não se excita com essas coisas, não, né?

AURÉLIO: Claro que não.

VIOLETA: Nada de orgasmo, só ataque epilético.

AURÉLIO: É. Freud provavelmente escreveria um livro sobre mim. Jovem de catorze anos dado a ter convulsões sempre que vê mongoloides fodendo.

Aurélio e Violeta riem.

Silêncio.

AURÉLIO (cruzando os braços atrás da nuca): Violeta... posso te fazer uma pergunta?

VIOLETA: Claro.

AURÉLIO: Uma hora aí você me perguntou se eu queria te desenhar. A gente acabou saindo do assunto e tal... e...

VIOLETA: Sim?

AURÉLIO: Na verdade eu não vou te fazer uma pergunta, eu vou fazer um encadeamento lógico, depois propor uma conclusão, aí você diz o que você acha. O.k.?

VIOLETA (um pouco melindrada): O.k. Quer dizer... acho que o.k.

AURÉLIO: Posso começar?

VIOLETA: Vai, pode.

Aurélio fica de pé. Vai até a mesa, se serve de vinho e volta.

AURÉLIO: Muito bem. Numa sexta-feira qualquer do outono de 2020 você chega num apartamento pra fazer um trabalho que você tá habituada

a fazer, tomar conta de criança. Só que você descobre que não é exatamente uma criança dessa vez, mas um latagão de catorze anos.

VIOLETA: Hum.

AURÉLIO: Aí o latagão de catorze anos te conta uma história bizarra que envolve convulsão e orgia de deficientes mentais, o que denota alguém com grande curiosidade sexual e absoluta inexperiência nesse âmbito.

VIOLETA: Hum.

AURÉLIO: E isso te dá uma ideia. Mas, pra pôr essa ideia em prática, antes você precisa descobrir algumas coisas.

VIOLETA: Por exemplo?

AURÉLIO: Saber se o latagão tem dinheiro em espécie em casa. (Violeta ri.) Então você joga o papo, me troca cem euros?

VIOLETA: Hum.

AURÉLIO: E o latagão diz, sim, claro, sem problema. (Dá um gole no vinho.) Bom, ao saber que o latagão tem dinheiro em casa, imediatamente você passa a tratá-lo melhor e diz que ganhou esses euros posando nua para um estudante de desenho. O que, obviamente, não é verdade. Ninguém paga essa grana toda por um trabalho de modelo vivo.

VIOLETA: Muito bem. E?

AURÉLIO: Nessa altura o latagão sabe que a bela baby sitter também trabalha tirando a roupa e que, pra tirar a roupa, metonímia, ela cobra o equivalente a cem euros. Papo vai, papo vem, ela propõe, talvez de brincadeira, talvez não, quer me desenhar depois?

VIOLETA: Hum-hum.

AURÉLIO: Aí a gente, ou melhor, eu janto, bebo um pouco e aparentemente ameaço pegar no sono.

VIOLETA: Aparentemente?

AURÉLIO: É. Digamos que eu quisesse ver como você reagiria caso eu ameaçasse dormir.

VIOLETA: O.k.

AURÉLIO: Aí, como quem não quer nada, você pergunta se meus pais vão demorar. Sim, eles não podem estar aqui pra você pôr seu plano em prática. Aí você diz, vai, levanta, não quero passar a noite aqui nesse apartamentão conversando com as paredes.

VIOLETA: Certo.

AURÉLIO: Bom, acho que os dados estão todos aí. Quer se pronunciar?

Blackout.

Quando o palco volta a ser aceso vemos Aurélio e Violeta deitados, nus. A roupa de Aurélio está jogada pelo chão e a de Violeta está organizadamente disposta sobre uma mesa. As duas camisinhas usadas por Aurélio estão amarradas e penduradas no criado-mudo. As notas de cinquenta reais que Violeta recebeu pelo programa estão dentro de sua bolsa. Sim, Aurélio interpretou corretamente as ações e palavras insinuantes de Violeta: além de baby sitter e modelo vivo, ela também trabalha como prestadora de serviços sexuais.

AURÉLIO: Posso te fazer uma pergunta?

VIOLETA: Pode.

AURÉLIO: Você, que é uma moça experiente e tal, baseada na sua experiência, você acha que essa nossa transa aqui foi minha primeira vez?

VIOLETA: Hum. É, acho que sim. Acertei?

AURÉLIO: Mais ou menos.

VIOLETA: Mais ou menos como?

AURÉLIO: Então, escuta só a história que eu vou te contar. Escuta e analisa, pode ser?

VIOLETA: Claro.

AURÉLIO: O.k. Então, uma época teve uma garota que morou aqui no prédio. Ela tinha uns dezenove, vinte anos. Ela gostava de mim e me dizia coisas como, você já é lindo com doze anos, imagina só daqui a uns seis, sete, vai fazer um estrago só com a mulherada.

VIOLETA: Hum.

AURÉLIO: Ela também às vezes pedia para eu amarrar a parte de cima do biquíni dela, ela dizia que não tinha amarrado direito, que estava frouxo.

Imagina só. Sempre que isso acontecia eu tinha que imediatamente pular na piscina pra esconder meu estado. Ela era bonita, altona, tinha uns peitões tipo de mulher americana.

VIOLETA: Hum-hum.

AURÉLIO: Um dia ela me convidou pra ir ao apartamento dela jogar xadrez. E é claro que eu fui. Ela abriu uma garrafa de vinho e ficamos lá, jogando. Venci as duas primeiras partidas. Então ela, que tinha bebido toda a garrafa, me propôs o seguinte: se eu vencesse a próxima partida, ela faria sexo comigo. E se eu não vencesse ela me daria um prêmio de consolação que eu ia achar legal também.

VIOLETA: Hum.

AURÉLIO: Então começamos a terceira partida. E ela se mostrou uma jogadora implacável, ficou claro que ela havia perdido as duas partidas anteriores de propósito. Em onze lances ela me deu xeque-mate.

VIOLETA: Ó, que peninha. E que vaca essa mulher.

AURÉLIO: Pois é. Aí ela disse, como eu prometi, vou te dar o prêmio de consolação. Então ela pegou uma das peças do tabuleiro, levantou-se e disse, venha. Segui-a até o quarto. Lá ela se deitou na cama, tirou as calças e a calcinha e abriu as pernas. Aí ela me estendeu a peça de xadrez, o rei, e disse, pode me penetrar com isso.

VIOLETA: E você?

AURÉLIO: Eu fiz o que ela pediu. Eu nunca tinha visto ao vivo uma genitália feminina. Então, quando eu terminei de penetrar o rei em seu canal vaginal, sei lá, a excitação e agitação que eu estava sentindo, eu sei que eu acabei ejaculando. Gozei vestido mesmo, minha calça ficou toda molhada, como se eu tivesse feito xixi nela.

VIOLETA: Hum-hum.

AURÉLIO: Depois disso tudo eu passei a viver com a dúvida: posso me considerar virgem ainda? Afinal, eu tinha penetrado uma mulher, ainda que com uma peça de xadrez, e tinha gozado e tudo, ainda que dentro das minhas próprias calças.

VIOLETA: É. É bem ambígua essa situação aí. Sei lá. Que sensação prevaleceu pra você?

AURÉLIO: Como assim, sensação?

VIOLETA: Que sensação prevaleceu depois de você penetrar uma mulher com uma peça de xadrez, a sensação que você havia deixado de ser virgem ou que continuava virgem?

AURÉLIO: Que eu continuava virgem. Mas então eu raciocinava um pouco e concluía que, de certo modo, eu não era mais exatamente virgem.

VIOLETA: Hum. É. Vai saber.

Violeta se levanta e começa a se vestir. Aurélio faz o mesmo.

AURÉLIO (colocando a camiseta): Posso te perguntar mais uma coisa?

VIOLETA: Pode.

AURÉLIO: Como é que aquele problema do faca está pra revólver assim como garfo está pra se completa?

VIOLETA (rindo): Aquilo lá não se completa.

AURÉLIO: Não?

VIOLETA: O problema não tem solução. Foi blefe meu.

Aurélio ri.

AURÉLIO: É, gostei.

VIOLETA: Gostou? Gostou do quê?

AURÉLIO: Gostei que você abriu o jogo. Você deve ser uma garota legal. Uma garota que assume que blefa quando blefa só pode ser uma garota legal.

VIOLETA: Hum-hum.

AURÉLIO: As mulheres em geral não são tão legais assim.

VIOLETA: Pode crer. Não são mesmo.

Blackout, pano cai.

VIRTUOSISMO

Hoje vou tocar o Concerto para Violino, de Alban Berg,

O concerto será no teatro municipal e o regente convidado é um norueguês, um figurão importante da regência.

Como acordei indisposto, antes de ir pro teatro dou uma esticada até a zona norte. Estaciono meu carro, alugo um carro velho e dirijo até onde os espectadores já estão aglomerados.

Espero um dos pilotos terminar sua exibição enquanto analiso a extensão e o traçado da pista, que é uma via pública razoavelmente plana, com piso de paralelepípedo.

Acelero até cinquenta por hora, então giro o volante ao mesmo tempo em que puxo o freio de mão. Os pneus, carecas, ajudam as rodas de trás a perderem a aderência. O carro rodopia, emitindo um ruído gritado como de um animal agonizante.

Não sou muito aplaudido, minha manobra não ficou mesmo muito boa.

No segundo cavalo de pau uso mais torque e giro o volante de modo mais brusco, então o carro rodopia duas vezes e quase atropela um grupo de pessoas parado em frente a um posto de gasolina.

As pessoas pulam, eufóricas, e me saúdam com aêêês. Eu saúdo elas de volta jogando a rotação do motor em sete mil giros e fritando os pneus dianteiros.

Dou mais três cavalos de pau, até que um dos pneus desse carro decrépito que estou usando é ejetado da roda. O público ri e eu rio também, isso, seus malditos, riam, riam bastante, qualquer dia ainda faço um strike de boliche com vocês.

Devolvo o carro ao sujeito que aluga carros para os praticantes de drift, modalidade automobilística chamada de pega aqui no subúrbio, entro meu carro e tomo o caminho para o Centro.

Furo dois sinais vermelhos antes de chegar ao túnel.

Estou encharcado de noradrenalina. Meu coração está acelerado e estou tão alerta que consigo perceber até meus cílios e meus sentidos estão tão aguçados que consigo sentir cada nervo, cada músculo, cada

tendão, e minha mente está tão lúcida que se fecho os olhos consigo visualizar todas as notas que estão, por exemplo, no compasso cento e doze da partitura do Alban Berg.

Minha perfórmance hoje no violino será absolutamente fora do comum.

MULHERES

Não me interesso por nada que essa mulher que está comigo, agora, aqui no meu apartamento, diz. Ela está dizendo uma frase que tem a palavra desambiguação. Não sei por que me detenho nessa palavra, desambiguação. Talvez pelo modo como as vogais e as consoantes escoam pela voz dessa mulher, que tem uma beleza fria e um odor neutro e um corpo que, embora seja disciplinado pela ginástica, no fundo é medíocre – uma mulher com quem mantenho relação apenas por saber que nunca irei me apaixonar por ela e também porque tudo o que ela diz é esquecível (sua presença também é esquecível), e também porque ela é uma pessoa bem educada que muito provavelmente nunca vai me causar nenhum transtorno ou me fazer passar por um vexame. Quando faço sexo com ela não sinto nenhum tipo de arrebatamento – sinto-me executando uma função fisiológica, uma daquelas funções fisiológicas que envolvem esforço e alívio. Sim, depois que ela vai embora e eu tomo banho e me deito, sinto-me como se um punhado de toxinas tivessem sido eliminadas do meu sangue. Durmo bem, com a cabeça vazia, e meu sono costuma ser uma daquelas telas escuras, sem sonhos.

Falei em vexame e transtorno e pensar nisso me leva imediatamente à mulher-encrenca, com quem eu poderia eventualmente me encontrar – beleza estranha, um cheiro muito bom, geralmente subliminar, um cheiro que lembra cloro, não aquele cheiro residual que as nadadoras têm, mas um odor intrínseco –; contudo, a mulher-encrenca é reivindicadora e tem tendências obsessivas; é dada a episódios de "mediunidade"; bebe muito. O que é uma pena, pois o sexo com ela sempre foi muito excitante, a mulher-encrenca é uma dessas raras mulheres que de fato têm talento para a cópula e ações correlatas (chupar, dar o cu, etc.).

O lugar da mulher-encrenca acabou sendo ocupado por uma mulher cuja principal qualidade talvez seja o bom temperamento, uma mulher que eu posso chamar de a-mulher-que-faz-eu-me-sentir-um-homem-bom. Recebo-a eventualmente aqui. Ela tem um rosto bonito, mas no qual aparece muitas vezes uma expressão tola, idiota mesmo, que sempre acho extremamente desestimulante. Seu corpo é normal – peitos um pouco acima do normal – e seu cheiro intrínseco eventualmente tem qualquer coisa que me é aversiva, um cheiro que lembra perfume oxidado (o que é estranho, pois ela normalmente não usa perfume). Ela é a mulher com a pior situação financeira com quem tenho algum envolvimento, daí

que a ajudo com frequência, saldo débitos, pago condomínios atrasados, etc. Eventualmente faço alguma grosseria com ela, para ela não me idealizar demais, não achar que sou um homem perfeitamente bom. Quase sempre escolho falar de outras mulheres, comparando-a desfavoravelmente. (Intimamente me arrependo dessas humilhações a que a submeto. Ela é uma pessoa boa, tem um bom coração, não merece ser maltratada. Ou: boa pessoa coisa nenhuma, é uma sem vergonha interesseira que só mantém a fala mansa comigo porque sabe que não tem cacife pra falar grosso. Qualquer dia lhe dou uma botinada definitiva.)

Mulheres: tem também a aparição ou mulher-com-forte-sensibilidade-tátil, que surge a cada dois ou três meses e logo desaparece. Das minhas mulheres, é a única por quem já fui apaixonado e talvez ainda seja (e talvez sempre serei). E talvez por isso falar sobre ela sempre seja um desafio – seu cheiro na verdade são vários: do rosto, da nuca, dos braços, do espaço entre os dedos dos pés, do sexo, das raízes capilares, da respiração, um cheiro que permanece em mim por dias depois de nossos encontros e que me causa uma dependência desesperadora e, de certo modo, infantilizante – sim, admito que tenho vontade de chorar quando, ainda possuído por suas-minhas fragrâncias, pressinto seus afastamentos, suas desaparições. Consolo-me da catástrofe que sempre experimento com a impossibilidade de permanência da mulher-com-forte-sensibilidade-tátil, que também pode ser chamada de mulher-com-o-rosto-mais-lindo-que-já-vi, que também pode ser chamada de mulher-logos (tínhamos no começo de nossa relação conversas que duravam sete, oito horas), que também pode ser chamada de mulher-sem-a-qual-minha-vida-não-tem-nenhum-sentido-verdadeiro-e-profundo, consolo-me da horrível catástrofe que sempre experimento com a impossibilidade da permanência dela em minha vida servindo-me da mulher-esportista; a esportista é uma mulher saudável, longilínea, uma mulher com os traços do rosto francos e arrogantes (gosto não de mulheres com a expressão facial insolente, agressiva ou debochada, mas, sim, de mulheres com um ar verdadeiramente arrogante, arrogância geralmente enraizada numa soberania, soberania geralmente enraizada numa noção verdadeira da própria superioridade, uma superioridade eugênica, quase soviética, quase nazifascista, eu diria). A mulher-atleta tem os cabelos lisos e volumosos e é atraentemente nariguda. É dada a jogos com regras claras. É, resumidamente, uma simplificadora do real. O problema é que o efeito dela sobre mim é curto e sua presença só funciona quando faz contraste com alguma recente desaparição da mulher-que-me-dá-vontade-de-chorar-quando-vai-embora (um outro nome possível para a mulher-

absoluta, a mulher dos cheiros múltiplos que também são meus). Um detalhe sórdido sobre a mulher-atleta, que íntima e inconfessadamente contabilizo a seu favor: ela é estéril, com menos de trinta anos teve de fazer uma histerectomia radical. Quando sinto a tentação de avaliá-la depreciativamente e de, talvez, descartá-la, penso que a mulher-atleta é a única mulher que posso despreocupadamente foder sem camisinha. (Em contraste, a mulher-que-me-dá-vontade-de-chorar-quando-ameaça-desaparecer é preocupantemente fértil, sei que é, nossas fantasias eróticas muitas vezes envolvem fecundação e isso quase sempre é uma pista da realidade biológica de um casal; daí que o sexo com ela, que também pode ser chamada de mulher-da-minha-vida-e-da-minha-vida-eterna-se-houver-uma, é um sexo sempre rigorosamente disciplinado, ao menos o sexo genital.)

Um detalhe curioso sobre a atleta, a nariguda gostosa, a arrogante, a simplificadora do real: não tenho registro olfativo dela.

Há ainda outras: aquela garçonete-peituda com sotaque nordestino (corrijo: com uma prosódia horrorosa de cantora de forró); aquela mulher-intrinsecamente-deselegante de quem eu até gosto (gosto como gosto de nuggets com molho barbecue do McDonald's), mas com quem eu odiaria ser visto em público; aquela que é maconheira demais e que usa camisetas estampadas com trocadilhos do tipo Sou Frida, mas não me Khalo; aquela que é maconheira também, mas que acha que é de direita (sugeri uma vez que ela fizesse uma camiseta verde e amarela com a frase maconheira de direita); aquela ex-beldade que acabou de fazer cinquenta e sete anos e, não só por isso, mas por isso também, está ficando insuportavelmente amarga, dada a ideações suicidas, etc.; aquela que entope a rede social com fotos dela fazendo dança do ventre; aquela cuja linguagem é eivada de palavras horrorosas como níver, facul, miga, miguxa, sofrência, Sampa, e de clichês medonhos como eu gosto de viajar para conhecer novas culturas, se não for para me fazer voar não tire meus pés do chão, etc.; essas, porém, habitam uma espécie de vala comum na minha topografia afetiva.

Não me interesso por nada que essa mulher que está comigo, agora, aqui no meu apartamento, diz. Ela está dizendo uma frase que tem a palavra desambiguação. Não sei por que me detenho nessa palavra, desambiguação. Talvez pelo modo como as vogais e as consoantes escoam pela voz dessa mulher, que tem uma beleza fria e um odor neutro e um corpo que, embora seja disciplinado pela ginástica, no fundo é medíocre – uma mulher com quem fazer sexo, para mim, é apenas exercer uma

função fisiológica baseada em esforço e alívio, algo que me dá um efeito levemente desintoxicante e esvaziador. Talvez por isso, e por algumas outras coisas, coisas oriundas de cálculos e raciocínios tão mesquinhos que não merecem ser mencionados (não se trata de dinheiro, por sorte nasci numa família com excelente situação material), talvez por isso tudo eu tenha decidido me casar com ela. Casamento, assim como nascimento, assim como doença, assim como morte, assim como o formato das sobrancelhas que você tem, assim como os filhos que você porventura gere, pertence ao reino da fatalidade e da arbitrariedade cósmica, não da escolha deliberada e consciente; percebi que deveria me casar com ela como alguém que toma consciência de que tem um câncer incurável; há algo de "bom" nessa minha "escolha" por ela: acho-a tão insignificante que nosso casamento provavelmente nunca vai degenerar em ódio; não tenho como me decepcionar com uma pessoa de quem nada espero; ela é bonita (beleza fria), tem uma boa tonicidade muscular (apesar do corpo fundamentalmente medíocre), é "inteligente" (poliglota, excelente desempenho acadêmico, etc.), então é razoavelmente provável que iremos gerar filhos bonitos, sem tendência à obesidade ou à calvície (nem ela nem eu temos carecas em nossas genealogias) – sim, iremos gerar um bando de idiotinhas superinteligentes que aos vinte anos estarão fazendo administração no Insper e que logo entrarão na Unilever como trainees e que serão superfelizes e que antes dos trinta anos já estarão recebendo salários astronômicos e que terão uma ampla vivência internacional e que se casarão com garotas igualmente idiotinhas e superinteligentes e que no futuro me darão netinhos provavelmente idiotinhas e provavelmente superinteligentes também. (Há, há.) Ela, que acabou de dizer a frase da qual destaquei a palavra desambiguação, está bastante feliz com a perspectiva do casamento. Eu, curiosamente, também estou feliz, muito feliz. Logo, minhas únicas esperanças daqui pra frente estão na infelicidade, no tormento, na incerteza, no caos moral, na imensa provisão de catástrofes de que disponho ao me relacionar com as outras, todas as outras. A única certeza que tenho sobre mim é que as outras sempre existirão. Sempre.

À TARDE, NA CHÁCARA

Laércio abre a mochila e: tira dela algumas folhas de papel de seda: varetas de bambu: cola: tesoura e: um carretel de linha dez. Faz mais de: vinte anos que: ele não constrói uma pipa: mas sabe que: não terá dificuldade.

Enquanto executa a tarefa: sentado à mesa da cozinha: de sua chácara de quatro alqueires: Laércio ouve o vento assobiar: e os raios: trovejarem. Sem que perceba: ele se põe a assobiar: também.

A canção que Laércio assobia: estilo heavy metal: tem uma letra que fala de: enxofre: demônios: trevas: rituais de magia negra: pactos macabros: sacrifícios: esquartejamentos: possessões: mutilações: conspurcações: violações.

A pipa fica pronta: então Laércio pega: o revólver: e sai de casa e: caminha até o gramado próximo à: piscina. Olha para o sujeito que: ele: algemou num dos corrimãos do: trampolim: é Valdir: alto: musculoso: rico. Valdir poderia ter: a mulher que quisesse: mas resolveu cismar logo com: a mulher de Laércio: uma fulana: absolutamente sem graça chamada: Marilu.

Marilu: a mulher de Laércio: está: grávida: grávida do amante: Valdir: pois Laércio é: vasectomizado.

Laércio: o marido corno de: Marilu: aponta o revólver e: ordena que Valdir: o amante que engravidou: Marilu: abaixe as: calças. Valdir: que está apavorado: prontamente obedece.

Ao ver o: órgão genital do: amante de sua esposa: Laércio sente: repulsa: mas: pensa com satisfação na própria: engenhosidade: sim: amarrar uma pipa no: órgão genital: do sujeitinho: num dia de tempo ruim: cheio de relâmpagos: aí vem um: raio e: bzzzzz: o treco vai virar: torresmo: o sem vergonha nunca mais vai conseguir: engravidar ninguém.

Laércio lança a: pipa contra o vento e começa a: empiná-la. A pipa logo se mostra: estável: apesar da: rabiola curta. Laércio vai dando linha para: elevar sua altitude: então um raio: o raio que idealmente deveria: dali a pouco: torrar os genitais do: sem vergonha do: Valdir: amante de sua mulher: precocemente atinge a pipa e: Laércio tem o corpo atravessado por uma: descarga elétrica de: cem milhões de volts.

Laércio tem: morte instantânea e: seu corpo fica: cheio de queimaduras nas: extremidades.

Valdir: o amante de: Marilu: ao sentir aquele odor de: carne queimada: se lembra da vez em que: passou mal no centro cirúrgico ao: assistir ao parto de seu filho mais: velho: o bisturi elétrico usado na: cesárea: etc.

Marilu: sua amante: e mulher desse sujeito aí: Laércio: que acabou de morrer: eletrocutado: Marilu está: no quarto mês de: gestação. Ela: que insistiu em levar: a gravidez adiante: apesar de legalmente ainda estar: casada com: o Laércio: (embora agora ela esteja: viúva): e apesar do Valdir também ser: casado: ela: Marilu: disse que não quer: fazer cesárea: disse que prefere fazer um parto: normal.

O telefone de: Valdir: toca: é sua mulher: Juliana: mãe de seus três: filhos: etc. Valdir: que está com uma das mãos: algemada: fica na dúvida em: atender o telefone: ou não: até que decide: atender. Valdir diz: alô. Juliana: sua mulher: diz: oi amor. Valdir responde: oi querida. Juliana então: pergunta: tudo bem?: e Valdir responde: sim, estou.

RESIGNAÇÃO

Otávio Augusto acabou de dizer que não quer mais namorar Celestina. Ela faz um gesto de assentimento e resignação, se levanta, caminha até a porta e sai.

Mais fácil que eu pensei, a frase surge na mente de Otávio, que logo começa a arrumar o apartamento – desloca-se com a cadeira de rodas até o banheiro e despeja o cinzeiro na privada, depois vai à cozinha e lava o cinzeiro e alguns copos.

Enquanto seca louça, Otávio ouve, da rua, Celestina chamando seu nome. Pensa, puta merda, e vai até a janela da sala.

Celestina está parada em frente ao posto de gasolina colado ao prédio. O posto está fechado e não há ninguém na rua além dela.

Otávio vê que ela segura uma garrafa de álcool e vê também quando ela risca um fósforo e joga o fósforo aceso no chão.

O posto começa a pegar fogo e Celestina olha para o ex-namorado e faz pra ele aquele gesto de insulto, uma das mãos fechada socando a palma da outra, top, top, top.

Celestina anda até o carro, dá partida e vai embora.

Otávio percebe que não há absolutamente nada que ele possa fazer – chamar os bombeiros, avisar os vizinhos, etc.

Ele avalia que a combustão de um litro de álcool não deve demorar muito. Talvez o posto exploda e mande tudo pelos ares. Talvez não.

Otávio se afasta da janela. Desloca-se até o meio da sala, recosta-se na cadeira e acomoda melhor a nuca. Cruza os braços e fica esperando.

ENCONTRO AMOROSO

Estamos na cama e Doroteia fala que o único momento feliz que ela tem na semana é esse, quando vem me ver, aqui, nesse apartamento. Digo que eu também, só me sinto feliz quando a vejo.

Levanto-me e vou ao toalete, depois vou à sala pegar um charuto, que está no bolso do meu casaco, que está pendurado num extintor de incêndio da década de 1930. A sala não tem nenhum objeto exceto esse extintor, a única peça que sobrou de uma coleção que eu tive e da qual me desfiz já faz uns dez anos.

Um psicólogo famoso afirmou que o homem coleciona coisas para tentar neutralizar a angústia que sente por saber que a realidade é insopitável.

Etc.

Volto ao quarto e vou fechar a janela, está ventando muito, uma chuva bem forte está prestes a cair.

Doroteia, deitada de bruços, eleva um pouco a cabeça e pergunta se o carro dela continua lá, se não roubaram ainda. Olho para a rua e digo que sim, que o carro continua lá, estacionado debaixo de uma árvore.

Decido não acender o charuto, volto para cama e faço amor com Doroteia mais uma vez. Doroteia apelidou meu pênis de vetor, segmento de reta orientado. Ela tem talento para dar nomes, para perceber o traço singular de alguma coisa e ressaltar essa singularidade com uma palavra, um apelido, um apodo. Além de nomear meu pênis, Doroteia colocou numa das árvores aqui da rua o nome de árvore deprimida.

Etc.

Um ruído de impacto, de rachadura e de farfalho vem de fora e em seguida o apartamento fica sem luz. Vou à janela e vejo que a tempestade derrubou uma árvore, que esmagou exatamente o carro de Doroteia.

Pra vir aqui Doroteia contou alguma mentira ao marido e disse que voltaria para casa às dez da noite.

O carro esmagado debaixo da árvore é uma complicação que pode desencadear várias complicações: Doroteia chegar atrasada em casa,

Doroteia chegar sem o carro, Doroteia ter de explicar ao marido por que chegou atrasada e sem o carro, etc.

Vamos para a sala discutir o que é melhor fazer. Sento-me no chão e acendo o charuto. Doroteia permanece de pé e fica andando de um lado para o outro.

Sugiro que ela volte de táxi e não diga nada, que é possível que por alguns dias o marido não perceba a ausência do carro dela na garagem do prédio.

Sugiro que ela diga que emprestou o carro para uma amiga.

Sugiro que ela diga ao marido que veio tomar um passe no centro espírita que tem aqui na rua – que ela estacionou o carro e mal tinha andado meio quarteirão quando ocorreu a queda da árvore.

Etc.

Um barulho de sirene vem da rua e Doroteia vai até a janela. Ela diz que é uma daquelas ambulâncias de resgate.

Descemos pelas escadas, visíveis por causa da luz de emergência, e chegamos à rua. Os bombeiros acabaram de tirar um homem aparentemente morto de dentro do carro e Doroteia diz, com os olhos arregalados e uma expressão de horror, é ele!, meu Deus, é ele!

Os bombeiros fazem os procedimentos de reanimação, que não surtem efeito, então um médico declara o óbito e o corpo do marido de Doroteia, sim, o marido de Doroteia, que sabia exatamente aonde ela havia ido, então pegou as chaves sobressalentes do carro e veio até aqui e entrou no carro e se escondeu no banco de trás pra fazer uma surpresa ou, quem sabe até mesmo, para matá-la, o corpo dele é coberto com aquela manta espelhada e eu vejo que Doroteia está chorando e eu respiro fundo e penso, puta que pariu.

CARÁTER

Minha irmã tem oito anos. A coisa que ela mais gosta é brincar com sapatos de salto, de mulher.

Não temos sapatos assim em casa, mamãe morreu quando éramos bem pequenos e papai não casou de novo. Às vezes vou passear com minha irmã num mercado que fica aqui perto, um desses mercados gigantes que têm de tudo, inclusive seção de calçados, aí ela fica lá, colocando sapatos de salto e tentando andar com eles.

No passeio de hoje minha irmã contou que vem sendo pressionada por uma menina aqui do prédio para assumir a culpa por uma coisa errada que essa menina, que se chama Giovanna, fez – que se minha irmã assumir a culpa Giovanna disse que vai dar pra ela um par de sapatos de salto, que ela vai pegar no closet da mãe. A coisa errada que a tal da Giovanna fez foi colocar debaixo da porta do apartamento 1004 um bilhete onde estava escrito, a Veridiana do 1004 é puta.

Essa mulher que mora no 1004 tem mesmo jeito de puta, ela toma sol na piscina sempre com uns biquínis escandalosos e fica lendo livros sentada com a perna aberta. Perguntei se minha irmã vai aceitar a oferta da Giovanna e ela disse que não, não vai. Então eu disse que ela está certa, que agindo assim ela está demonstrando ter caráter, ser uma pessoa boa.

Giovanna continua pressionando minha irmã para que ela assuma a culpa pelo bilhete, em troca do par de sapatos. Quem aos nove anos já é dissimulada, chantagista e corruptora tem chance de se tornar alguém que preste?

Moramos num prédio de ricos, meu pai não teria dinheiro pra pagar nem o condomínio daqui, mais IPTU, etc. O apartamento é do nosso avô, que é rico e que sustenta meu pai, apesar de meu pai ter quase quarenta anos. Às vezes penso que se meu pai parasse de fumar maconha nossa vida iria melhorar muito – que o fato de ele viver desempregado também tem a ver com essa coisa de maconha. Nosso avô não dá moleza para nós, quer dizer, só dá um pouco de moleza, ele banca o apartamento, paga nossa escola e só. Tanto eu quanto minha irmã somos vistos pelas crianças aqui do prédio como pobres, porque usamos roupas e tênis velhos, então somos excluídos de todas brincadeiras. Eu acho que também foi por isso que a Giovanna escolheu minha irmã para assumir a

culpa no caso do bilhete – sim, os ricos aprendem desde cedo que podem usar os pobres como bucha de canhão, se o rico faz uma besteira é só arrumar um pobre e dar uma nota de cem pra ele que o pobre assume a culpa, todo felizinho.

Digo para minha irmã combinar de se encontrar com a Giovanna às nove da noite, na piscina, para elas fazerem a troca. A menina aparece no horário combinado. Então eu a agarro e levo para a borda da piscina e enfio sua cabeça dentro da água e a mantenho submersa primeiro dez segundos, depois quinze segundos, então a largo e digo, nunca mais tente corromper minha irmã, o.k.?

Giovanna vai embora tossindo-engasgada-chorando e minha irmã diz, e agora?, ela vai chegar em casa com o cabelo molhado e vai contar pros pais dela o que aconteceu. Eu digo, tudo bem, é pra contar mesmo. Minha irmã então diz, o papai vai ficar uma fera com você, e eu digo que não, não vai ficar. (Morro de pena quando noto que minha irmã ainda não percebeu que nosso pai é um idiota fracassado. Será uma grande decepção pra ela quando perceber.) Ela então diz que o.k., que o papai não, mas que o vovô com certeza vai ficar uma fera comigo e eu digo que, hum, que é verdade, que é bem provável que o vovô fique bravo. Ela então diz que vai me defender se o vovô ficar bravo e eu digo que não precisa, digo que a braveza dos adultos nunca dura muito, que o melhor que a gente pode fazer quando um adulto fica bravo conosco é não fazer nada, que a gente deve ficar quieto, só esperando que a braveza passe.

CAVALHEIRISMO

Saímos da: casa noturna e: vamos andando até: o estacionamento.

Ela está me contando: a história de um sujeito que: quando soube que o pai estava com: Alzheimer: decidiu que iria torturá-lo: inventando: histórias humilhantes que: o pai: desmemoriado: suporia ser: verdadeiras.

O manobrista traz: o carro: e me sento no banco do: passageiro: e ela liga: o som: e põe o carro em: movimento. A música: que sai nos alto falantes: é um rock que tem uma: letra: que diz: não quero ser: útil: mas ser: utilizado. Ela: que está: dirigindo: pede para eu acender: um cigarro: e eu pego na bolsa dela: a caixa de cigarros e o: isqueiro: e acendo: o cigarro: e dou pra: ela.

Ela fuma e: acaricia: minha perna: enquanto dirige: e cruzamos várias: ruas: e entramos na avenida: paulista: e: imediatamente: vejo que há ali um congestionamento: anormal: e ela diz: putz: é blitz da lei: seca.

Digo pra: ela: vai: pula para cá: e ela diz: não: não precisa: e eu digo: vai: pula. Então ela diz: o.k.: e passa para: o banco do: passageiro: e eu assumo o: volante. Nós dois: bebemos: não muito: mas o suficiente para o: bafômetro: acusar. Como pela lei: do Brasil: ninguém é obrigado a produzir: provas contra: si mesmo: eu não assoprarei no: bafômetro: se for: parado. Mas: fazendo isso: terei minha carteira de: habilitação: suspensa: e levarei uma multa de: uns três mil: reais.

Os: carros: vão avançando pelo: afunilamento: feito com: cones: e passam por um: policial que: empunha: uma espingarda calibre: doze: então sou tomado por uma: sensação de: pânico: pois pressinto que serei: sim: parado: e que o: policial: notando em mim sinais: de embriaguez: me encaminhará a um: órgão competente: onde serei obrigado a: tirar uma amostra de: sangue: que indicará um nível alcoólico: que: definirá minha conduta ao: volante: como: criminosa: então eu serei: preso.

Lembro-me da vez: quando: uma ex-namorada: estava no meu: carro: portando cinquenta gramas de: haxixe: e surgiu uma: sirene: e a: sirene: começou: a se aproximar: e eu pensei: fodeu: aí a sirene passou por: mim: e seguiu adiante: e acabou: desaparecendo: e eu provei um: alívio: que nunca havia: provado. Lembro-me: de uma suspeita de: câncer de pele: e de uma: biópsia. Lembro-me: do ex: da minha então:

namorada: que era obcecado por: ela: e que passou a me fazer: ameaças. O: medo: não é um bom: conselheiro.

Chega a vez do nosso: carro: passar pelo policial: empunhando a espingarda: calibre doze: e vou avançando: e noto que: minhas mãos: estão suadas: e que minha musculatura: abdominal: está completamente: retesada: e que parece que tem um: macaco hidráulico: fazendo pressão na minha: mandíbula: então atravessamos a fileira de: cones: e não: não somos parados: então: quando já estou a uma: distância segura: dou um soco na direção e digo: yeah: ponto de exclamação: e ela: ela: ela: põe a mão na minha perna: e sobe a mão até minha: virilha.

PRESENÇA

Ela me diz que, se pudesse escolher, nunca mais iria dormir, só para aproveitar ao máximo minha presença, depois de todo tempo que perdemos, depois de todas dificuldades que enfrentamos para, enfim, ficarmos juntos.

Digo-lhe o mesmo, que se eu tivesse três pedidos a fazer a um daqueles gênios da lâmpada eu pediria para nunca mais ter sono, pois assim nunca mais desperdiçaria sequer um minuto da presença dela.

Ela me abraça, deposita a cabeça no meu ombro e diz, ó, eu vou fechar os olhos, só pra descansar um pouco, não vou dormir não, tá? Digo que vou fazer o mesmo, fechar os olhos só pra descansar, sem dormir.

Evoco, de olhos fechados, a vez quando ambos ainda éramos casados com nossos respectivos cônjuges e que fizemos um jogo erótico em que ela permaneceu sentada e eu fiquei em pé, atrás dela, acariciando com meu órgão genital os dois lados de seu pescoço, e que ela, toda vez que percebia minha glande tangenciando seu maxilar, girava o pescoço e tentava alcançá-la com a boca, e que então uma hora ela disse, chega, não estou aguentando mais, me dá logo isso aqui, ô desperdício, sim, a palavra que ela usou foi essa, desperdício, então eu passei para o outro lado do pescoço dela e continuei com aquela peculiar e disciplinada carícia e disse assim para ela, desperdício?, oras-oras, depende.

Acordamos de madrugada com um barulho insistente e intermitente que demoro um pouco para decifrar que é o alarme de incêndio do hotel.

Saímos do quarto e atravessamos o corredor sob a chuva espargida pelos sprinklers. Chegamos à escada de emergência, que está tomada por uma fumaça preta, fuliginosa. Descemos o primeiro lance, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, tentando não respirar, mas eventualmente respirando aquela fumaça insuportavelmente quente, que arde em nossos narizes, laringes e brônquios.

Uma equipe médica nos atende e somos levados a um hospital, aliviados por termos conseguido escapar do incêndio e por tudo estar o.k., sim, não sofremos queimaduras, só estamos tossindo um pouco por causa da fumaça preta e quente, então o médico vem falar conosco e diz que

teremos de ser submetidos a uma intubação endotraqueal, que nossas vias aéreas sofreram queimaduras, que ainda estamos conseguindo respirar porque o edema ainda não se formou, mas vai se formar, o edema da glote, uma reação normal do organismo ante esse tipo de lesão.

Pergunto quanto tempo ficaremos intubados e sedados e o médico diz que isso pode variar (uma semana? duas? a eternidade toda?), mas que não é pra eu ficar preocupado. Um enfermeiro da equipe já está injetando fentanil em mim e eu olho para ela, que também está sendo preparada para a intubação. Logo sinto o medicamento fazer efeito e resisto o quanto posso ao inexorável processo de narcose, colocando nela – nela, nela, nela, nela, nela – toda minha atenção, conservando sua presença em minhas retinas, cogitando que a presença percebe, angustiada, a ausência, mas que a ausência

AMOR

Viemos passar uns dias em Santos. Renata está desempregada e eu desmarquei meus pacientes, não muitos, desde que tive o enfarte não fiz mais cirurgias e passei a trabalhar no máximo vinte horas por semana. Estamos agora na sala do apartamento olhando para a tela da TV, vendo um filme que eu sempre disse que tinha vontade de ver com ela, mas noto que Renata está um pouco impaciente e sinto-me decepcionado com o fato de que o filme não está fazendo nela o efeito que eu supunha que fosse fazer. Puxo algum assunto para desobrigá-la de prestar atenção nas imagens que aparecem na tela e passamos a conversar, enquanto o filme fica lá, perdurando como uma realidade subliminar e secundária à nossa.

Nossa conversa tem uma longa duração e várias vezes me percebo simplesmente contemplando o rosto de Renata, seus olhos claros e amplos, seu nariz geométrico-escaleno, os cabelos lisos e cinemáticos, a riqueza harmônica da voz. (Qual o sentido dessa perfeição toda?, eu me pergunto. Qual o sentido dessa presença e da profunda impressão que ela sempre me causa? E quanto tempo isso tudo vai durar?) Levanto-me e vou à janela e digo, nossa, baixou a maior neblina. Renata se levanta do sofá e vem até a janela e diz, caramba, então ela sugere que a gente vá andar no calçadão da praia e eu penso um pouco e digo, o.k., vamos.

A madrugada está com uma temperatura amena e vamos caminhando pela Bartolomeu de Gusmão até o canal três e a visibilidade que temos é no máximo de cinco metros e eu penso em dizer, princesa, acho que nunca vou me esquecer desse nosso momento, aqui, mas cismo que dizer isso vai soar como uma confissão de vulnerabilidade e eu não quero, agora, demonstrar vulnerabilidade, talvez porque eu esteja me sentindo vulnerável mesmo. Voltamos ao canal quatro e observo os contornos difusos da igreja neogótica e Renata diz, vamos andar um pouco na praia, na areia. Sigo-a e logo percebo que visão ali está mais limitada ainda e abraço Renata pelas costas e ela, dando-se conta de que estamos protegidos por uma considerável invisibilidade, me puxa para dentro de si. A ação em que nos engajamos é agônica e a cada avanço pélvico que executo parece que quero me ocultar dentro do corpo dela – eu noto que meu impulso, agora, é semelhante ao impulso que me levava àquelas brincadeiras infantis em que me esconder dentro de um armário bastava para me apartar do universo e de tudo o que um universo pode ter de incompreensível e ameaçador.

INTERLOCUTORES

Quer começar?, pergunto.

Acho que não. Começa você.

O.k. Vou falar daquilo que estávamos falando, que o homem quando é jovem busca uma mulher que seja cúmplice da expansão de suas possibilidades vitais, e quando é velho busca uma que seja cúmplice de seus declínios.

Hum. E que tipo de cumplicidade você busca em mim?

Não sei. Talvez eu não busque nenhuma.

Sério? Que chato. Pensei que eu fosse uma mulher significativa de alguma forma para você.

Talvez haja entre nós uma cumplicidade de declínios, só que disfarçada. Nós não somos propriamente velhos. Quantos anos você tem mesmo?

Eu tenho trinta e seis anos, senhor Eduardo. E você, consegue dizer sua idade em voz alta?

Não, está aí algo que está além das minhas forças.

(Rimos.)

Ou talvez haja entre nós, nesses nossos encontros, sempre tão... ritualizados, algo que não tenha a ver nem com a fuga do declínio vital, nem com a celebração da juventude e suas soberanias todas.

Hum.

Você entende isso, Mônica?

Não sei. Acho que entendo. Ou talvez não.

Então deixa eu ver se eu explico melhor... Bom, a maioria dos homens da minha idade está indo atrás de garotas de vinte e cinco anos, achando que elas podem aliviar a angústia que estão começando a sentir. Esses caras nem pressentem a fria em que eles estão prestes a se meter. Mulher de vinte e cinco quer casar, engravidar, montar apartamento. Nesse sentido minha ligação com você é uma cumplicidade de declínios, uma contemplação a dois das coisas que fizemos em nossas vidas e de

aonde chegamos. Não temos um pacto, nem explícito, nem implícito, para ir atrás de novas conquistas, algo que caracteriza os casais jovens. No fundo, não acreditamos em mais nada, nem temos esperança de qualquer coisa. Talvez porque não sejamos exatamente um casal. Mas, em outro sentido, me encontrar com você sempre significa expansão, o que é o contrário de declínio.

Expansão.

É, expansão, expansão das minhas sensações, dos meus pensamentos. Cumplicidade de declínio, declínio mesmo, é o que talvez eu tenha com a minha mulher. A presença dela, a maneira como ela me olha, as coisas que ela diz, nada do que acontece entre nós, isso já há muito tempo, consegue escapar do eixo misericórdia-rancor.

Eduardo, não que isso tenha a ver comigo ou com meu interesse por você, mas por que vocês não se separam?

Por que a gente não se separa. Talvez porque a vida, no fundo, já tenha excluído a gente de suas benesses e seria cruel demais abandonarmos um ao outro numa espécie de *waste land*. Talvez porque precisemos, para não perdermos a noção do que é real, desse recíproco olhar acusador. Talvez porque uma das coisas que o tempo, e só o tempo, nos ensina é que não se viola uma cumplicidade, mesmo uma cumplicidade atroz. Talvez porque, sem essa sombra, o que você tem de iluminadora não fizesse nenhum sentido na minha história.

Hum.

Eu sei que pode ser meio difícil de entender. Eu já tive amantes burrinhas que sentiam, ó, ciúme da ligação que eu tenho com a minha mulher.

Claro, mulher em noventa por cento dos casos são criaturas imbecis. E o que você fez com essas amantes burrinhas?

O que eu fiz para me livrar delas?

É.

Inventei que estava com síndrome do pânico.

Olha só, que safadinho. Quer dizer que você não teve pânico nada?

Tive. Aliás, tenho. Ter pânico é como virar puta, uma vez puta, sempre puta. Eu só não tive mais crises. Mas sempre que preciso o pânico faz de mim um usuário legítimo da retórica do incapacitado.

(Rio. Ela ri também.)

É tão difícil assim entender, caramba? Por exemplo, posso dizer que o único momento da semana em que me sinto realmente bem é quando venho te encontrar. Isso significa que eu poupo você dos outros seis dias em que meu estado, de modo geral, está deplorável. Mas as mulheres em geral, sei lá, talvez por uma rixinha infantil com a-outra, fazem porque fazem até conseguir os sete dias só para elas. Sacrificam tudo, arrebentam com tudo, deixam tudo caindo aos pedaços, mas aí, ó, elas podem enfim dizer, eu tenho um homem meu, só meu.

Uma perguntinha, você não tem curiosidade sobre a vida íntima da sua mulher?

Você quer saber o quê? Se eu desconfio que ela tem amante, coisa desse tipo?

Isso, por exemplo.

Eu não desconfio, eu sei que ela tem um amante.

E isso não te incomoda?

Não.

Nem um pouco?

Me incomodaria se ele fosse um sujeito que não soubesse controlar a situação. Isso já aconteceu, e foi bem desagradável. Com o atual, não. É alguém de confiança. Sabe o que lhe cabe e o que não lhe cabe.

Deixa eu perguntar de outro modo, então. Você não sente nada com o fato de sua mulher ter um amante?

Deixa eu ver... eu sinto... eu sinto um pouco de repugnância. Só.

Repugnância?

É, repugnância. Todo casal visto de fora é um pouco repugnante.

Nós, inclusive?

Acho que sim.

CINDERELA

Vai ficar hematoma, o assassino deduz, tentando ignorar as fezes espalhadas no lençol.

Observa de novo, agora mais de perto, a marca de dentes (sim, dentes) que fez na nádega esquerda da morta, logo abaixo da tatuagem. A tatuagem é uma frase em latim, *non plus ultra*, que significa aquilo que não pode ser excedido.

A vontade de fugir – sempre se sentiu oprimido por cadáveres – é obstruída pela necessidade de analisar se não está deixando rastros.

Porém, os ruídos do flat, da noite, dos próprios ouvidos, ampliados pela vertigem e pelo pânico que está começando a sentir, lhe turvam o pensamento. Caminha até a porta, observa o corredor e sai.

Procópio acorda e se arrasta de quatro até o banheiro. Lava o rosto e se deita no chão, já que o frio do piso de cerâmica atenua sua sensação de enjoo.

A língua, sem a barreira de dentes postiços, parece solta na cavidade bucal.

Consumir carbolítio fez Procópio perder todos os dentes antes dos cinquenta anos. Ter voltado a beber também vem contribuindo para a devastação de sua saúde, problemas hepáticos, gastrite, amnésia alcoólica.

Com esforço recompõe a noite passada. A garota no flat, estilo é mas não parece ser. Qual sua profissão? Sou atriz. Instrumentadora cirúrgica. Faço programa porque gosto. Cindy, 20 a., pés lindos, etc.

Procópio se levanta e tira de uma frasqueira que estava debaixo da pia duas caixas de medicamentos. Ingere um antiemético e dois antidistônicos. Toma banho, veste-se e começa a procurar a dentadura. Não a encontra em lugar nenhum, então se lembra de onde a esqueceu, foi no flat da garota de programa, sim, a imagem da prótese dentária, largada lá, espoca em sua mente como um sinalizador naval, puf.

Procópio vai até a sala e senta-se numa poltrona. Fica refletindo, tentando dar alguma ordem a seus pensamentos. Nada daquilo era necessário, pensa, começando a sentir horror de si mesmo.

O pontilhado escarlatiniforme de Lacassagne, a congestão ocular, o osso hioide partido, a emissão involuntária de fezes e urina apontam para morte por esganadura, ou constrição cervical. A vítima, Cinderela Gonçalves, vinte e oito anos, profissão declarada de modelo, tem também uma marca de mordedura na região lombar. Foi encontrada na cena do crime uma prótese dentária, arcada superior, que não pertence à vítima.

O comissário de polícia Walter, sentado no vaso sanitário, ouve mais uma vez sua própria voz gravada e desliga o aparelho.

Quando usa esses termos, Lacassagne, hioide, sempre se lembra de Camila, sua professora de medicina legal na faculdade, depois namorada e noiva por um curto período. Foi Camila quem o ensinou a não desprezar nenhuma conjectura – você está amando outra, não está? –, especialmente as conjecturas óbvias: cliente esgana garota de programa e na fuga acaba perdendo a prótese dentária. Etc.

Walter dá descarga e se lava no bidê.

O flat onde a garota morava e foi assassinada não registra a entrada de visitantes e analisar imagens de câmeras é uma aporrinhação, ele pensa, enquanto lava as mãos; depois, as esfrega com álcool gel. Olha-se no espelho e diz, *amerykanski filmowy horror*, que quer dizer filme de terror americano em polonês. Dizer essa frase em polonês é um cacoete recente do qual Walter não está conseguindo se livrar. Volta à sala, onde Gigliola o espera. Walter e ela são namorados e hoje irão conhecer um bar novo.

Gigliola talvez seja a mulher mais bonita que Walter já conheceu.

Ela tem uma beleza clássica (perfeita articulação dos músculos faciais, auriculares, zigomáticos, nasais) e, ao mesmo tempo, sua beleza é idiossincrática, como ela se fosse a filha linda de uma mãe expressivamente feia, e se parecesse muito com a mãe, de alguma forma.

No carro, a caminho do bar, Gigliola vasculha o rádio, acaba desligando e pede que Walter lhe conte uma história. Embora os dois como casal já tenham passado da euforia dos inícios (acordar tarde num primeiro dia de férias, mudar para um apartamento novo e desejado,

viajar pela primeira vez para o exterior), a convivência entre eles ainda é harmoniosa.

Que história?, Walter pergunta.

Qualquer uma. Eu gosto de ouvir sua voz.

O.k. Era uma vez um reino encantado. Posso começar assim?

Pode.

Tá. Era uma vez um reino encantado. E havia nesse reino um castelo no qual morava uma princesa chamada Cinderela.

Hum.

Cinderela tinha chegado à idade de casar e fez um baile para o qual todos os rapazes do reino foram convidados. Se gostasse de algum, casaria com ele.

Hum-hum.

Já perto da meia-noite, Cinderela enfim encontra um rapaz por quem se apaixona. Mas o sino começa a tocar e o rapaz, sem explicar por que, sai correndo. Ele corre tão depressa, mas tão depressa, que até deixa cair sua dentadura na escadaria do castelo.

Gigliola ri.

No dia seguinte, a princesa convoca todos os rapazes do reino, e aquele em quem a dentadura servir será seu príncipe encantado.

E desdentado. Você é maluco. De onde você tira essas ideias?

Da minha cabeça. Eu sou maluco, você mesma disse.

Não duvido.

Não duvide.

O telefone toca, é o Argemiro, da perícia. Walter atende.

Walterney, tenho uma informação que você vai amar, diz Argemiro.

Walter, que detesta ser chamado pelo nome com que foi registrado na certidão de nascimento, diz, manda.

É sobre aquela garota que foi morta no flat.

O.k.

A tal dentadura bate mesmo com a mordida que a mulher tinha no traseiro.

Hum. Só isso?

Não, não. A dentadura, pelo tamanho da arcada e outras características, pertence a um anão.

Anão? Tem certeza disso?

Absoluta.

O.k, Miro. Depois te pago um chá de carqueja.

Walter e Gigliola chegam ao lugar, um bar que imita aqueles dives de Chicago frequentados pelos gângsteres. Walter se senta num sofá, enquanto Gigliola vai ao banheiro. Logo acima do sofá há uma sequência de lâmpadas de baixa intensidade e um painel de néon amarelo onde se lê, grandes tempos estão chegando.

Sentada na outra ponta do sofá está uma garota, de pernas cruzadas, guardiã do próprio limiar contra homens indecisos e fracos.

Walter observa outras duas garotas que jogam sinuca. Se estivesse só, abordaria a garota de blusa verde.

Pega o telefone e relê seu histórico de conversação com Judith.

Desde aquilo tudo que aconteceu, os tiros, etc., Walter nunca mais tinha se envolvido com duas mulheres ao mesmo tempo. Mas outro dia viu Judith na TV, falando sobre um projeto de formação de bailarinas em comunidades carentes. Achou-a bem. Sentiu vontade de mandar uma mensagem para ela.

Walter pensa no que o Miro da perícia falou, que a dentadura achada na cena do crime pertence a um anão. A garota morta, Cinderela, tinha 1m83 e fazia ginástica. Com um peteleco atiraria um anão longe.

Ou não?

Não desprezar nenhuma conjectura, especialmente as conjecturas óbvias.

Etc.

A dentadura nova ainda não ficou pronta e para esconder a boca desdentada Procópio vem usando uma máscara cirúrgica, daquelas que as pessoas usam em Tóquio, não transmitirás vírus através de perdigotos, não espirrarás no vagão do metrô com a face descoberta.

Ele está agora na igreja, esperando a vez de se confessar.

Desde jovem observa que naquela igreja os vitrais que mostram figuras masculinas, Pedro, João Batista, são emoldurados por formas retangulares e as figuras femininas, Madalena, Maria, são cercadas por formas ogivais, imagens que lembram – Procópio não consegue evitar a palavra – bocetas.

Odiar o pecado, não o pecador. Procópio, porém, odeia seus pecados e odeia a si mesmo.

Deus o fez tosco e deformado – portador de nanismo – para evitar a tentação, mas o diabo o fez lascivo.

A luxúria é a porta que leva a todos outros pecados, a todas as violações da lei de Deus, não roubar, não cobiçar, não matar.

Termina de rezar o credo em latim, *et exspecto resurrectionem mortuorum, et vitam venturi saeculi, amen*, e pensa, meu arrependimento é sincero?

O Pai Onipotente, em sua infinita misericórdia, me concederá perdão?

Hoje o dia de trabalho de Walter foi especialmente conturbado. Logo de manhã chegou à delegacia um caso de lesão corporal seguida de morte, um marido que espancou a mulher alegando que ela o havia traído com um dos periquitos australianos que ele criava num viveiro, um macho anilhado, fator Spangle Melânico, plumagem azul, trinta e sete gramas de peso. A mulher, segundo ele, introduziu-o *intra vas*. Como a temperatura do periquito australiano oscila ao redor de quarenta e dois graus e sua frequência cardíaca varia entre duzentos e cinquenta e quinhentos e cinquenta batimentos por minuto, quando inserido numa camisinha o periquito se transforma num instrumento fálico com um dinamismo peculiar, em parte semelhante ao dos vibradores, em parte semelhante ao de um *falus* humano.

Depois chegaram ao distrito um caso de atropelamento, um desabamento, uma rixa seguida de lesão corporal de natureza grave (não seguida de morte), dois elementos detidos para averiguação, algumas assinaturas de termos circunstanciados por posse de entorpecentes.

Também houve o depoimento de dois funcionários do flat onde morava a Cinderela Gonçalves, a prostituta que foi estrangulada (mordida de anão no traseiro, *non plus ultra*, etc.). Os depoimentos pouco esclareceram o caso. Não, senhor, nunca soube que ela fazia essas coisas. Isso, programa. Não, nenhum movimento anormal. Bom, isso é difícil de dizer, o prédio vive com gente nova, gente que vai morar lá e às vezes fica pouco tempo. Sim, eu soube desse sujeito, o tal anão, mas não era eu que estava na portaria quando ele deu entrada no prédio. Também, quando ele saiu não era eu que estava lá.

Que música é esse que você colocou?, Gigliola pergunta, deitada na cama, membros esticados, braços cruzados sob a nuca.

Walter responde que é um disco da Flora Purim.

Gigliola não a conhece e Walter conta sua história, diz que ela é uma cantora de jazz brasileira radicada nos Estados Unidos desde a década de 1960.

Walter não diz que Flora Purim, cantando essa música, *Crystal Silence*, sempre lhe provoca uma ereção, porém tira as calças e a mostra.

Gigliola sobe em Walter e ele fecha os olhos e lhe vem à mente uma imagem que ele não sabe se é uma harpa ou a mandíbula de uma baleia pré-histórica, e enquanto ele fode Gigliola ele pensa, toda boceta é autoritária, sim, toda boceta diz, submeta-se!, faça-me gozar!, goze dentro!, goze fora!, chupe-me!, engravide-me!, já os seios têm outro tipo de dinamismo, os seios sempre fazem Walter pensar no prazer-estupor que sentia quando era criança e se deitava em pilhas de tapetes em lojas de tapetes persas-iranianos e se abandonava na cama elástica que havia na escola, sempre que a quadra estava vazia, cama da qual sentia uma espécie de ciúme-otelo-desdêmona, um desejo de posse não compartilhada, sim, o momento em que Walter sabe-se mais íntimo de si mesmo é quando sente o cheiro de sua saliva no seio de uma dessas mulheres com nomes incomuns, nomes como Gigliola, seu próprio cheiro modificado alquimicamente por esse contato, algo que o faz se sentir potencializado, sim-exato, seios, bocetas, o triângulo invertido da pélvis cujo vértice inferior aponta para deslizamentos e sonhos indevassáveis e

ciclos e a salinidade que se sente na boca, *vas* alquímico, espaço escorreito escorregadio, ferruginoso, fonte de urina, caldeira, aquecedor central, vitral cercado pelo silêncio das coisas que ruíram, mulher feia e nodosa que aguarda papéis rabiscados pelo doutor para comprar substâncias que prometem tirá-la do estado de morbidez mental e que diz, para estimular o próprio riso, que o filho quando era pequeno dava tchau para as fezes antes de tocar a descarga, círculo, rosácea, mandala, centro, irradiação, self, mucosa, textura, corrimento, elasticidade, o ruído de baixa frequência da geladeira, artérias de néon sendo desligadas pouco antes de a noite terminar, pode gozar dentro, acabei de ficar menstruada, Gigliola diz, e Walter começa a ejacular e diz, Schoenberg , o sch distendido, um carro que freia na rua gritando-fritando pneu, Schoenberg, Schönberg, Arnold Schönberg, schhhh-hhhh.

Você ainda se lembra qual foi a primeira coisa que você notou em mim?, Gigliola pergunta, de olhos fechados.

A primeira coisa que notei foi que você estava decepcionada com aquela festa, diz Walter.

Hum. Essa observação sua não é muito perspicaz, todo mundo estava aborrecido naquela festa.

Sim, a festa estava ruim. Mas a expressão de decepção de seu rosto era diferente da dos outros convidados. As pessoas quando se aborrecem parece que logo perdem o prumo, ficam amarrotadas. Amarrotadas e reivindicativas. Aí saem por aí quebrando tudo e botando fogo em ônibus.

Você e sua implicância com as hordas, Gigliola diz, rindo.

Exato. Reparei logo que você era o tipo de pessoa que, por exemplo, jamais aderiria a um movimento de massas.

Só porque eu não fiquei, como você disse, amarrotada por causa de uma festa tediosa?

Sim. Achei fascinante esse indício de incorruptibilidade seu.

Hum.

Agora é sua vez. Qual foi a primeira coisa que você notou em mim?

A primeira coisa que notei em você. Que você era alto.

Só?

Que você era feio, e que estava me olhando.

Hum.

E que você não havia afrouxado a gravata, nem estava suarento, como os outros homens, essa horda de porcalhões.

Olha só. Os semelhantes se atraem? Dois seres incorruptíveis?

Não. Você estava quase, quase prestes a perder o prumo. Quando você se sentou naquela mesinha perto do palco, estava sacudindo a perna insistentemente. Uma coisa medonha.

Gigliola enumera várias coisas que notou em Walter, que ele estava bebendo água como quem finge estar bebendo álcool e que, além de olhar para ela, Walter também estava paquerando uma loira balofa e brega fantasiada de Madonna anos oitenta.

Walter está indo ao IML.

Enquanto dirige ele pensa, voltar a ver a Judith depois de quase vinte anos não é repetir a história como farsa? Sempre que sente saudade de uma ex acaba empacado nesse dilema, o que foi mas que não é mais, o que foi mas que ainda pode ser, etc.

Chega ao prédio e vai à sala de necropsia.

Um homem portador de nanismo (v. nelson ned, um show de noventa centímetros) foi encontrado morto num quarto de motel e as evidências apontam para suicídio.

“Ah, não” é um homem pequeno. Setembro chove? Etc.

A dentadura, que ele pegou emprestada com o Miro da perícia, está no bolso esquerdo de sua jaqueta.

O funcionário do necrotério tira o lençol que cobre o cadáver, cujo rosto parece uma porção caótica de nhoque ao sugo, remexida e abandonada no prato.

O tiro na abóbada palatina, dependendo do calibre da arma, pode fazer a cabeça explodir.

Nada sobrou intacto, gengiva, músculos, ossos.

A dentadura, portanto, não pode ser testada. (Cinderela pisa em mina terrestre e tem o pé despedaçado, o príncipe não tem como saber se o sapato de cristal lhe serve.)

Walter sai da sala de necropsia e transita pelo prédio, que conhece bem. Sobe ao segundo andar e para em frente a uma porta. Era ali naquela sala que Camila (você está amando outra?, etc.) trabalhava na época em que eles começaram a namorar.

Isso foi há dezenove anos. Aqueles outros eventos, aquilo tudo, Judith, etc., aconteceu alguns anos depois. Até hoje ele pensa, eu podia ter atirado em algum lugar que desse a Camila alguma chance de sobreviver. Mas escolhi não fazer isso.

Camila perguntou, você não tem medo de mim?, quando percebeu que Walter, seu aluno na faculdade, estava interessado por ela. Lecionar Medicina Legal sempre pareceu criar uma barreira supersticiosa entre ela, uma bonita mulher de trinta e oito anos, e os homens.

Nenhum de seus colegas de trabalho jamais tentou seduzi-la. Talvez fosse melhor assim. Talvez não fosse ético se envolver com colegas. Ou, talvez menos ético ainda, se envolver com alunos.

Por que eu deveria ter medo de você?, Walter lhe respondeu-perguntou.

Camila ouviu a pergunta e pensou nas próprias instabilidades e inseguranças. O ex-noivo, que desmanchou o casamento com o bolo da festa já encomendado. A irmã, não tão bonita quanto ela, mas muito mais bem sucedida, profissionalmente, sexualmente, etc. O fato de Walter ser quinze anos mais novo. E de ser seu aluno. Formaldeído é um aldeído simples, de fórmula molecular H_2CO. Sua solução aquosa, diluída a 45%, denomina-se formol.

Sim, me diga, por que que eu deveria ter medo de você?, Walter insistiu na pergunta.

Porque eu vejo pessoas mortas o tempo todo, como aquele garotinho do filme?, Camila respondeu, soltando um riso tenso.

Às vezes Camila se olhava no espelho tentando descobrir o que havia de errado consigo.

Não era algo que estava em seus traços.

Inclusive as pessoas lhe diziam, durante a residência médica, para que trabalhar tanto?, com esse rosto e esse corpo que você tem, por que não vai ser modelo? Se não quer ser modelo, por que não arranja um marido rico?

Sim, ela era bonita, seu problema não era esse. Qual era, então?

Acabou aceitando namorar Walter e, aos poucos, se convenceu de que estava sendo amada por ele.

Foi feliz por quase três anos.

Quando ele propôs que ficassem noivos, Camila já sentiu que era um gesto compensatório.

O relacionamento dos dois não vinha funcionando, Walter demonstrava enfado em sua presença, mas queria declarar-se comprometido, fazendo uma encenação pública e oficiosa. Botar uma porra de uma aliança na mão direita dela.

Só rindo, mesmo.

Os homens têm a ideia de que tudo, tudo o que a mulher quer é casar, de que toda mulher é uma princesa encantada esperando que um príncipe de merda apareça e venha encaixar em seu pezinho a porra de um sapato de cristal. Filhos da puta.

As brigas entre eles se tornaram frequentes. Até que Camila descobriu que Walter estava envolvido com outra mulher, uma jovem da idade dele, uma bailarina chamada Judith, que Camila apelidou de aquela vagabunda dentuça.

Não era apenas mais só uma conjectura: você está amando outra, não está?

Não, não é nada disso, Camila, nada disso, nada, você está entendendo mal.

A primeira coisa que Camila fez foi jogar a aliança de noivado na privada. Não satisfeita, urinou e defecou em cima dela para, só então, dar a descarga.

Um dia decidiu seguir Walter e a tal garota. Viu-os entrar numa sorveteria e sentarem-se.

Camila atravessou a rua, entrou na sorveteria, tirou da bolsa uma pistola com treze balas no pente e atirou na vagabunda dentuça. Depois, Camila atirou em Walter, uma, duas, três, quatro vezes. Walter, antes de perder os sentidos, sacou a própria arma e apontou para o peito de Camila, então mudou a pontaria para a cabeça dela e disparou.

Você conhece a piada da prostituta que fazia boquete e cantava ópera ao mesmo tempo?, o investigador Junqueira pergunta a Walter.

Não, não conheço, Walter diz, despejando cola nas mãos e esfregando uma palma na outra, o que espalha a substância adesiva por elas de maneira uniforme.

Ele e Junqueira estão numa sala da delegacia que informalmente é chamada de Sala do Filé de Jararaca, que dizem ser assombrada pelo espírito de um velho delegado que trabalhou ali nos anos 1980.

Então, diz Junqueira, um sujeito estava andando na rua e viu a placa, faço boquete e canto ópera ao mesmo tempo. Aí ele tocou a campainha da casa e foi levado por uma recepcionista até um quarto totalmente escuro.

Hum, Walter murmura, sacudindo as mãos para a cola secar.

Aí o sujeito ouviu uma voz feminina, deixe o dinheiro sobre o criado-mudo. O sujeito tirou a carteira e botou lá. Aí a mulher começou a cantar ópera e fazer um boquete sensacional nele. Quando acabou, ele saiu, mas aí se lembrou de que havia esquecido a carteira, então ele voltou, acendeu a luz do quarto e descobriu tudo. O que foi que ele descobriu?

Não sei. Não faço a menor ideia.

Ele descobriu que a mulher usava olho de vidro e que ele tinha enfiado o pau em sua órbita ocular vazada.

Junqueira, o rei das piadas ruins e dos trocadilhos imbecis, sai da sala.

A cola já secou. Walter rompe a película adesiva na borda de uma das mãos e a puxa, sentindo prazer com sua resistência. Observa as linhas que ficaram ali moldadas, linhas nas quais os quiromantes dizem estar

escrito nosso destino. Faz o mesmo com a outra mão. Amassa os moldes e os joga fora.

Um anão entra na sala.

Ao ver o anão vem à cabeça de Walter a imagem do sujeito que se matou no motel, tiro na abóbada palatina, óbito em decorrência de traumatismo craniano causado por instrumento pérfuro-contuso. Porção de nhoque.

Boa noite, meu nome é Procópio Nazário Gutierrez, aqui está meu RG, vim aqui para confessar um crime.

E qual crime o senhor cometeu?, Walter pergunta, olhando o documento.

Homicídio, diz Procópio, tirando do bolso do casaco uma página de jornal, a polícia ainda não tem pistas, Cinderela Gonçalves, 28, que foi morta num flat na Alameda tal, segundo testemunhas, a linha de investigação, que está a cargo do comissário Walterney.

O.k., diga como foi, diz Walter.

Eu fui ao apartamento dessa, rameira, eu tenho problemas de saúde, mas minha capacidade, viril, está intacta, compreende?

Certo.

A rameira, a pécora, teve uma reação de, horror, ao pôr os belos olhos verdes em mim. Deve ter cogitado o pavor de ser fecundada, ainda que por acidente, e dar à luz óctuplos, todos anões.

Hum.

Em sequência, eu a estrangulei.

Walter devolve a carteira de identidade e a folha de jornal e diz, *data venia*, senhor Procópio, permita-me pôr em dúvida sua confissão. Creio que você não matou aquela mulher.

Reitero que, sim, que a matei.

Você não tem estatura para isso. A vítima parecia uma daquelas superatletas russas, tinha quase um metro e noventa.

Eu sou praticante de krav magá, comissário, a arte marcial dos hebreus. Aliás, creio que Moisés matou o egípcio e fugiu para Midian, isso está em Êxodo, capítulo dois, versículo onze, com os golpes dessa luta.

Procópio... vai, aqui, de homem para homem, qual é o seu problema?

Problema?

Procópio, como policial eu entendo um pouco da psicologia, da linguagem corporal, facial, de alguém que cometeu um crime. Você não matou ninguém, mas quer ser punido, talvez para expiar alguma culpa imaginária, simbólica. Sério, pode se abrir comigo. Bebe um uísque?

Vocês servem álcool, aqui, nessa delegacia?

Só para os amigos, diz Walter, tirando do armário dois copos e uma garrafa.

Procópio ingere cinco doses até que finalmente diz, eu sou um infeliz, comissário. E isso não se relaciona de modo exclusivo à minha deficiência. Tomo carbolítio desde os vinte anos. Já levei choques elétricos, já frequentei até a macumba, sabe?, e que o Pai me perdoe por essa heresia idólatra. Mas os bezerros de ouro, ou mesmo os de prata ou, até mesmo, os de bronze, às vezes são muito tentadores, que o diga o saudoso Avedis Zildjian, o turco-e-armênio autogenocida e fabricante de címbalos.

Sim. Sem dúvida.

Sem dúvida. O santo padre João Paulo Segundo, do alto de sua sabedoria, intuiu que o corpo humano, caracterizado pela diferenciação genital dos sexos, é um corpo destinado ao amor, à abertura ao próximo, ou seja, é um instrumento da renúncia ao egoísmo. Fundir-se a uma mulher no ato copulatório, sacramentado pelo matrimônio, é um gesto de louvor a Deus.

Hum.

O problema é, que mulher quer se fundir com um anão?, e pior, com um anão pobre?, e pior, com um anão pobre e desdentado? Não há, comissário. Restaram-me as rameiras.

Procópio estende o copo a Walter, que lhe serve a sexta dose.

Li o anúncio no jornal, meu nome é Cinderela, venha enfiar o sapatinho em mim. Liguei e marquei hora, como no dentista. A mulher era uma deusa nórdica, uma valquíria wagneriana, como o senhor mesmo comprovou. Talvez isso tenha me inibido, o fato é que não consegui ter uma ereção para consumar o ato. Ela me ofereceu bebida, tenta relaxar um pouco, *et coetera*. Então sugeriu, quer experimentar algo diferente?

Hum.

Eu não sei o que me deu na cabeça, comissário. A mulher abriu um estojo em que havia vários consolos, caralhos de silicone, todos estampados com escudos de times de futebol. Na minha pátria de nascença, a República Oriental do Uruguai, sou Peñarol, no Rio, sou Vasco da Gama, aqui em São Paulo sou Palestra Itália. Como estou em São Paulo escolhi o falo do Palmeiras, então ela colocou um CD com o nó suíno, quando surge o alviverde, imponente, e, Lalá ficou lelé porque Lili deu o loló para o Lulu, me sodomizou.

Walter pensa, será que estou mesmo ouvindo isso?

Eu sou católico, comissário. Entende? Entende a gravidade? Enojado de mim mesmo, pedi para ir ao banheiro vomitar. Apoiei as mãos na borda do vaso, tirei a dentadura, forcei, forcei, mas o vômito não veio. Pus a mão na água da privada, a lambi, mas mesmo assim não adiantou. Então fui embora, comissário, sem nada dizer.

E esqueceu a dentadura lá.

Isso. No chão do lavabo.

Walter pega a prótese da gaveta, a estende a Procópio, que tira a nova e encaixa a velha na gengiva. Como uma luva.

Walter acompanha Procópio até o ponto de táxi, vê o carro virar na esquina. Krav magá. E se essa história que ele contou for mentira? E se foi ele que matou mesmo a mulher esganada?

Walter acorda em casa pensando na frase, *amerykanski filmowy horror*, sua recente frase cacoete.

Repete-a mentalmente algumas vezes, em seguida murmura-a. Abre os olhos. Cogita passar o dia ali, deitado, até que o sono de novo o extinga por oito horas. Sua mente não demorará a parecer um

formigueiro, uma superconcentração de coisas agitadas, minúsculas, fora de controle.

Você está onde seu pensamento está. Talvez o momento tenha chegado. Sílvio Santos vem aí?

Seu pai disse isso quando saiu de casa, podem se preparar, Sílvio Santos vem aí, foi assim que ele ameaçou os filhos e a mulher, vou deixar vocês sem nenhum tostão, vai acabar essa moleza, etc.

Há muito exorcizado de sua vida, o pai às vezes ainda domina seu vocabulário, forçando Walter a um uso indesejado (e quase sempre descontextualizado) de certas expressões.

Ele se levanta, vai à cozinha, pega um tomate na geladeira, morde-o, mas desiste de ingeri-lo, preferindo tirar a secura da boca com água.

Decide ir dar uma volta para pensar no que fazer.

Sábado, o dia do desleixo, homens adultos usando bermuda, fazedores de churrasco, desajeitados (e às vezes grotescos) atletas de fim de semana. Um helicóptero passa próximo, dá para sentir a trepidação.

No elevador apalpa o bolso para ver se está mesmo com a carteira. Sai para a rua e segue pela Vitorino Carmilo até a Alameda Glete. A rede elétrica projeta no chão uma sombra quase retilínea, espaguetes pretos amolecidos, condutores de choques letais.

O problema: está mesmo apaixonado por Judith. A história, nesse caso, não parece estar se repetindo como farsa.

A continuidade da sombra dos cabos elétricos se interrompe um pouco adiante, onde um trecho da calçada está isolado com tiras de plástico amarelas.

Walter se aproxima.

Um sujeito anda lentamente ao redor dos escombros de um Toyota Corolla.

Foi no poste, o sujeito diz. Travou em cento e cinquenta, o velocímetro. O motorista teve a cabeça decepada.

Walter fica em silêncio, afasta-se.

Seu telefone toca, o nome Gigliola aparece na tela. Ele atende e fala com ela, diz que está indo cortar o cabelo, então desliga.

Gigliola.

Subir sempre a mesma escada por quatro anos insensibiliza o homem àquela escada, ao esplendor de seu engenho, etc., deitar-se com a mesma mulher por dois anos idem.

Walter chega ao salão.

O salão é igual a qualquer outro, homens sentados com um pano branco cobrindo o peito, espelhos, ruído de secador. O cabeleireiro que atende Walter pergunta como é que ele quer o corte. Walter diz para deixar fios longos em cima e tirar bastante nos lados e atrás.

Na cadeira ao lado da dele há um sujeito de barba que folheia uma revista. O pano está muito apertado em seu pescoço, o que faz vir à cabeça de Walter a palavra apneia.

Walter também pega uma dessas revistas de fofocas e vira suas páginas e vê uma mulher dessas com os dentes muito brancos e músculos muito tonificados. Seu telefone faz barulho, é uma mensagem de Judith, que ele lê. Depois volta a folhear a revista da mulher dos dentes brancos e dos músculos. O sujeito ao lado, o da barba e do cabelo ralo e seco, está falando com o cabeleireiro que o atende. Ele fala sobre política e usa as expressões delação premiada e condução coercitiva. Walter pensa que o sujeito deve ser professor no período noturno numa dessas faculdades particulares caras e ruins.

Judith.

No começo da semana Walter foi até o Guarujá ver Judith. Fazia catorze anos que eles não se viam.

Passaram o dia juntos, Judith falou de seu trabalho dando aulas de balé numa comunidade carente e explicou que sua condição de cadeirante (os tiros que Camila deu nela, lesão medular, etc.) não atrapalhava em nada o trabalho.

À noite ela e Walter foram passear na rua e estavam passeando quando uma Kombi entrou na Avenida Leomil. Pelo horário, meia-noite e meia, não era a Kombi da entrega de jornais.

O carro então se aproximou e um sujeito armado saltou dele e disse, shhhh!, colocando o dedo indicador sobre os lábios. Um outro sujeito também saiu da Kombi, que tinha na lataria um adesivo no qual estava escrito Mostarda Preta, então esse segundo sujeito, que era bem forte,

tirou Judith da cadeira de rodas, uma dessas cadeiras bacanas, com comandos eletrônicos e motor elétrico, e a colocou nos braços de Walter, que não tinha qualquer possibilidade de reagir, pois não viera ao Guarujá armado. Então o sujeito forte arrastou a cadeira de rodas para dentro da Kombi e ele e o comparsa partiram.

Walter, sem ter naquele momento outra coisa a fazer, carregou Judith no colo até o apartamento dela. E talvez por esse contato corporal entre eles, continuado e não esperado, os dois foram para a cama, antes que Walter pudesse tomar qualquer providência relativa ao roubo da cadeira.

O cabelo de Walter termina de ser cortado e ele dispensa o secador e vai ao caixa pagar e a moça pergunta quem foi que cortou, Walter aponta e ela faz um xis numa planilha. Walter tenta ler o nome do cabeleireiro, mas não consegue entender a letra, uma letra hesitante que parece ter sido escrita com ajuda de régua. Cogita se é essa moça do caixa que tem essa letra, talvez ela estude numa dessas faculdades ruins e caras onde o apneia-condução-coercitiva talvez lecione. Débito, ele diz, e insere o cartão e depois digita a senha. Sai do salão e vai andando pela rua e observa o próprio reflexo no vidro de um carro e julga que o corte ficou o.k.

O anão Procópio abre um saco de sementes de abóbora e o leva para perto do telefone. O telefone, de discagem, fabricado em 1977, foi comprado numa feira de coisas antigas. Procópio frequenta essas feiras porque são lugares cheios de mulher, alô?, diz a voz feminina que atende sua chamada.

Procópio tem uma conversa cuja consequência é um encontro combinado para dali a uma hora. Procópio não diz à moça, cujo nome é Salete, que ele é portador de nanismo.

Caminha ao banheiro e faz a barba. Depois no chuveiro usa a escova para esfregar as costas e testa a própria rigidez peniana pendurando a escova no membro viril (ela tem um barbante com que fica suspensa num gancho, dentro do box). Volta ao quarto dando passos cautelosos, já que as solas dos pés estão úmidas, termina de se secar e se veste.

No táxi Procópio mastiga um pedaço de fio dental de hortelã até que ele perca o sabor, mas vê que é inútil, o excesso de sal das sementes de abóbora deixou em sua boca um saibo tenaz. Pensa em pedir para o

taxista parar numa loja para ele comprar isotônico, mas como já está meio atrasado limita-se a pegar outro pedaço de fio.

Chega enfim ao flat de Salete.

Salete está vestida com roupas escuras e não parece ficar surpresa com o fato de Procópio ser um anão. Ele lhe estende duas notas de cem e ela diz o que fez nessa quarta-feira, que subiu onze andares de escada porque quando chegou veio da rua tinha acabado a luz, etc. Então descansa os pés no colo de Procópio e logo eles vão para o quarto.

Talvez a melhor coisa do sexo seja fazer e ver, *fast forward, slow motion, pause*, se um dia eu ficar cego corto os pulsos, ser anão ainda vá, mas ser anão e cego não daria pé, Procópio pensa enquanto observa Salete indo-e-voltando, os cabelos dela e os bicos dos seios dela acariciando seu nariz (quando tinha treze anos Procópio comprou um pincel e experimentou passá-lo na glande, etc.).

Procópio sai do apartamento de Salete com uma péssima disposição de espírito e vai pela rua rezando, *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus*, e decide ir para outro lugar antes de voltar para casa.

Eu sou um assassino.

Quando eu escrevo minha “voz” é bem diferente da minha voz de quando eu falo. O que eu quero dizer com isso é que quem me lê e quem me ouve falar não tem como dizer, são a mesma pessoa.

Acordei hoje dominado pela sensação de que não via a cor vermelha há dias. Fui à janela e observei a praia, azul, verde, cinza.

Nesse apartamento em Santos aonde achei razoável vir me esconder por uns tempos não achei nada, nenhuma revista, nenhuma caixa de remédio com a tarja vermelha, venda sob prescrição médica. Saí ao hall dos elevadores à procura do extintor de incêndio, como se a estabilidade do real dependesse desse meu ato restaurador, eu me certificar de que a cor vermelha continuava a existir.

Em último caso, eu seria capaz de me mutilar para, à vista do meu sangue, me convencer de que tudo continuava sendo como sempre havia sido? O fato é que, para mim, as coisas deixaram de ser o que eram até há bem pouco tempo. *Non plus ultra*.

Expulsão, repulsão, nessas duas palavras está embutida a ideia de pulsão, pulso, frequência, oscilação ondulatória. Às vezes tenho sonhos em que revivo um passado (que de fato nunca existiu) em que experimento o oposto da estase e da paralisia, e digo para mim, isso existe, afinal. Um mundo em que matéria e pensamento não são estáticos e opressivos e aprisionadores, mas cheios de dinamismo.

Semana passada saí com uma mulher. (Foi a primeira vez desde, etc.) Os seios da mulher, naturais, eram muito bonitos, então tive um gesto imprevisto em que o contato, a princípio vicário e torpe, se sublimou: coloquei o rosto entre os seios, experimentei aquela pele macia, quente e acolhedora envolver minha testa, nariz, órbitas oculares, maxilar, e a ternura daquilo me causou uma crise de choro que não reprimi. (Creio que as únicas mulheres na frente de quem me sinto à vontade para chorar são as prostitutas. Nem sempre, porém, consigo atingir esse tipo peculiar de êxtase, isso sempre depende de uma insondável qualidade humana que uma pessoa só pode revelar no contato íntimo.)

(Acho que me ocorreu agora uma parábola, uma daquelas historinhas com lição de moral.)

(É assim: você sabe que sua namorada tem fobia de lagartixa, mas decide não dizer nada. Ela vai entrar no banheiro, vai tirar a roupa, vai ligar a água e a lagartixa vai se manter, assim você espera, fora de seu campo de visão. Se você dissesse, ei, não vá ao banheiro agora, teria de se levantar da cama e pensar num jeito de enxotar o pequeno e abominável réptil, enquanto sua namorada diria imprecações e daria gritinhos e corridinhas pelo apartamento. Sim, nem tudo que se vê deve ser mencionado. Se você abrisse a boca, acabaria sendo tratado por ela como uma espécie de suspeito, como se a culpa por ter aparecido a lagartixa, de alguma maneira, pudesse ser sua – como se o fato de alguém testemunhar um fenômeno o obrigasse a explicá-lo também).

O que mais eu posso dizer sobre mim? Eu costumo observar o nariz das pessoas. Narizes pequenos são tímidos, grandes são concupiscentes. Narinas dilatadas indicam cólera, pôr fogo pelas ventas, etc. Observo também como as pessoas manobram o carro, o que está se tornando difícil, as pessoas usam cada vez mais estacionamentos com manobristas.

Viver é resolver problemas e viver bem é resolver problemas de forma rápida, como dizia o meu pai. O dinheiro paga a melhor cura, a melhor reprodução humana, a melhor justiça. O dinheiro compra até

amor verdadeiro, e se for o falso isso no fundo não faz a menor diferença. Acho que estou falando em dinheiro porque aquela vaga-bunda agora resolveu me extorquir, disse que tem uma gravação que prova que eu sou um estrangulador de mulheres, e que seu não pagar tanto ela entregará a gravação às autoridades. Vou ter que dar um tranco nela. *Non plus ultra*. Outro dia um guardador de veículos que costuma achacar os otários na avenida da praia resolveu se invocar comigo. Ele disse, ô psiu-psiu, tu é grande, mas não é dois. Dois? Só rindo, mesmo.

Na delegacia, o investigador Junqueira vai à sala de Walter e diz, tem uma mulher aí que quer falar com você.

Sobre?

Ela contou uma história meio esquisita, disse que está sendo ameaçada, não entendi direito.

Manda entrar, Walter diz.

Enrique traz a mulher, que se senta.

Walter acha seu rosto irrequieto e comunicante como o rabo de um gato. Gata em telhado de zinco escaldante, a frase lhe vem à cabeça.

No que posso ajudá-la?

Eu era amiga da Cindy, soube que é você que está investigando o caso dela.

Cindy?

O nome verdadeiro dela era Cinderela.

O.k. Continue.

Eu estou sendo ameaçada por causa de uma coisa que eu sei.

Hum.

Eu sei quem a matou.

Entendi. E essa pessoa que está te ameaçando é a mesma que matou sua amiga?

É.

Como você sabe que foi essa pessoa que matou?

Eu estava falando com ela, a Cindy, Cinderela, no telefone, aí ela disse, peraí, Lavínia, não desliga, aí ela largou o aparelho e foi abrir a porta, então começou o bate-boca, eu reconheci a voz do sujeito, era o ex dela, o Meco, um tipinho bem sangue ruim, sabe?

Sei. Continue.

Aí, nunca se sabe, ela já tinha tido problemas com esse sujeito, eu decidi gravar a briga. Depois li na internet que ela tinha sido morta.

Entendi. E por que você não veio aqui antes?

Porque eu fiquei com medo.

Medo.

É, medo, medo de me envolver.

Certo. E decidiu vir agora porque o sujeito passou a ameaçá-la.

Isso.

Só me explica uma coisa, como foi que esse sujeito, que agora está te ameaçando, soube que você sabia que foi ele que matou?

Não sei.

Você tentou extorqui-lo, não foi? Entrou em contato com ele e pediu dinheiro pela gravação.

Não! Claro que não!

Lavínia, escuta o que eu vou te dizer, se você quer que a polícia te ajude, tem que dizer a verdade.

Juro por Deus, eu não fiz isso! Eu seria a pior crápula do mundo se tentasse faturar em cima da morte de alguém, amiga minha ainda por cima!

O.k. E onde está a gravação?

Lavínia lhe estende um pen drive.

Fica aí, eu vou chamar o escrivão para colher seu depoimento, Walter diz, saindo da sala, então volta e acrescenta, ei, por acaso, nessa

conversa que você estava tendo com sua amiga, ela mencionou que havia atendido algum cliente, um cliente deficiente?

Ela falou, sim. Um anãozinho.

Walter decidiu falar com Gigliola sobre seu envolvimento com Judith. Eles estão no apartamento dele, sentados na sala. Walter, no entanto, não consegue tocar no assunto. Gigliola pergunta no que Walter está pensando. Ele diz que está pensando numa história. Que está pensando numa história. Numa história. Que o personagem principal da história se chama Reginaldo. Que a avó desse Reginaldo, que o criou, acabou de morrer e deixou uma carta na qual revela que é filha natural de Albert Einstein. Que Einstein, em sua visita ao Brasil, em 1925, supostamente se apaixonou pela bisavó de Reginaldo e gerou o que se pode chamar de prole brasileira. Que, além da carta, a avó de Reginaldo deixou para ele a correspondência de Einstein com sua mãe, bisavó do indigitado-Reginaldo. Que em algumas das cartas Albert, além de prometer que iria se separar da mulher e que viria morar no Brasil, mandou fotos em que aparecia nu, com o falo ereto. Que Reginaldo foi atrás de um perito para se informar como poderia verificar a autenticidade daquelas cartas e fotos. Que o perito indicou um especialista em Albert Einstein. Que o especialista analisou o material e descobriu uma inconsistência gritante: o pênis das fotos não era circuncidado. Que, portanto, quem aparecia nas fotos, embora fosse muito parecido com Einstein, não podia ser Einstein, porque Einstein era judeu e judeus têm o pênis circuncidado. Que na verdade o Einstein que teve relações sexuais com a bisavó do Reginaldo era um falso Einstein, um sujeito que, vendo que as mulheres ficavam doidas com essa história de gênio mundialmente famoso, aproveitou a semelhança física que tinha com o Einstein de verdade e saiu por aí, dizendo que era o famoso cientista e fazendo a festa. Etc., etc. E como nada mais foi dito (por Walter) ou perguntado (por Gigliola), Gigliola tomou coragem e confessou estar apaixonada por outro homem, e que fora ali naquela noite apenas para terminar tudo com Walter.

Uma diligência da polícia civil iniciada a partir de uma denúncia anônima leva à detenção de Luiz Américo, o ex-namorado e assassino de Cinderela.

Confrontado pelo depoimento de Lavínia, por evidências e por contradições em sua tentativa de defesa, Meco acaba confessando a culpa pelo assassinato.

Em que o declarante, Luiz Américo, vulgo Meco, diz ter rompido o namoro com a vítima, Cinderela Gonçalves, ao descobrir que ela exercia a profissão de acompanhante. Em que o declarante diz que, apesar do rompimento, continuou ligado afetivamente à vítima, tendo inclusive se mudado para o flat onde a mesma residia (sem que ela soubesse), para vigiá-la e tentar uma reconciliação. Em que o declarante diz que, na noite em que a vítima foi morta, ele viu um homem portador de nanismo sair do apartamento dela, em aparente estado de embriaguez, e decidiu abordá-la. Em que o declarante diz que tocou a campainha e a vítima atendeu, tendo entrado, assim, em seu domicílio, mesmo sob o protesto da mesma. Em que o declarante diz que foi ao banheiro da vítima e viu no chão uma prótese dentária, tendo feito pilhéria com isso, "arranjou um 'coronel' velho e banguela?", o que provocou uma briga entre os dois. Em que o declarante diz que a vítima, de alta estatura e praticante de musculação, lhe desferiu uma sequência de golpes e que, na tentativa de imobilizá-la, ele, o declarante, lhe aplicou uma compressão cervical com as mãos (esganadura), o que resultou em óbito. Em que o declarante diz que, em pânico, lembrou-se da prótese dentária e simulou com ela uma mordida na região lombar da vítima, visando com isso que outro suspeito fosse apontado. Em que o declarante, que também pratica musculação, diz que vem fazendo uso de esteroides anabolizantes, o que pode ter causado seu surto de agressividade. Em que o declarante diz que, após o ocorrido, voltou a seu apartamento, lá permanecendo até o dia seguinte, quando decidiu ir se esconder no sítio de um parente em Limeira. E que depois, por julgar que sua permanência lá estava se tornando suspeita, o declarante decidiu se esconder num flat em Santos, onde ocorreu sua detenção. E como nada mais foi dito nem perguntado, encerra-se o presente termo, que se acha lido, conferido e subscrito.

Walter chega em casa com uma sacola de compras.

Ao colocá-la no chão, uma das garrafas de cerveja se quebra. O líquido vaza como se fosse a bolsa amniótica de alguém em trabalho de parto.

Walter encharca e torce um pano de chão cinco vezes, embrulha os cacos da garrafa com jornal, termina de guardar as compras e vai para a sala.

Ali, no centro da sala, está a nova cadeira de rodas com motor, que Walter comprou para Judith. Ele olha para as revistas sobre a mesa de centro, passo a passo o escândalo, superfaturamentos, propina. Depois corre os olhos pela estante de livros.

Volta à cozinha, pega uma cerveja na geladeira e retorna à sala. Dá um longe gole e sente um arrepio sugar seu rosto.

Recosta-se no sofá e fecha os olhos.

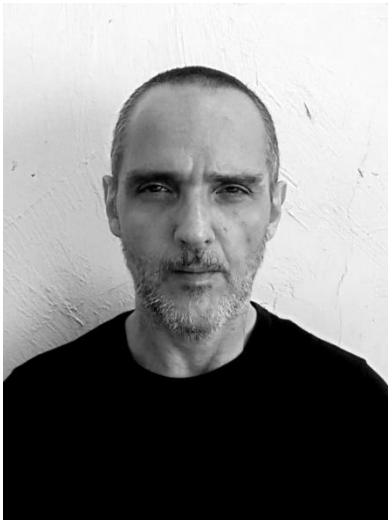
Judith.

Por que essa paixão fulminante por ela, anos depois? Culpa por ter levado tantos tiros quanto (Camila atirando, uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito vezes), mas não ter tido nenhuma sequela? Não, isso não explica tudo. Se é que explica alguma coisa.

Volta a abrir os olhos e põe-se de pé.

Caminha até a janela e fica olhando os prédios e as ruas da Barra Funda. A Barra Funda, seu bairro, que nos últimos dias vem lhe parecendo ainda mais feio. Talvez porque ele não esteja mais com Gigliola, a mulher mais bonita que já conheceu, e esteja deprimido com isso. Ou talvez porque o mundo fique mesmo mais feio quando uma mulher bonita sai da vida da gente.

SOBRE O AUTOR



Eduardo Haak nasceu em São Paulo, em 1971. É autor de *Tem uma coisa sobre mim que acho justo você saber* (2011), *Adulteração* (2017), *Apartamentos* (2018), *Memorando* (2020) e *Extensões* (2021).

Blog do autor